



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

José Paulo Rafael Martins da Mota

Agricultura Biológica em Penafiel  
Avaliação do projeto “Semear Penafiel”

Nome do Curso de Mestrado  
Mestrado em Agricultura Biológica

Trabalho efectuado sob a orientação do  
Professora Doutora Luísa Moura  
Professora Doutora Isabel Mourão

Dezembro de 2013

## Índice

Resumo .....	ii
Abstract.....	iii
Agradecimentos .....	iv
Lista de figuras .....	v
Lista de quadros.....	viii
Lista de Abreviaturas.....	x
1. Introdução .....	1
1.1. A Agricultura Biológica no Mundo e na Europa.....	3
1.2. A Agricultura Biológica em Portugal .....	5
1.2.1. História e expansão da Agricultura Biológica em Portugal.....	5
1.2.2. Caracterização da Produção Biológica na região Norte de Portugal .....	8
1.3. O mercado dos produtos biológicos em Portugal .....	10
1.3.1. Os operadores de Agricultura Biológica em Portugal .....	10
1.3.1.1. Associações de Agricultores.....	10
1.3.1.2. Organizações de Inspeção e Certificação .....	12
1.3.2. Valor do mercado dos produtos biológicos .....	13
1.3.3. Canais de comercialização.....	14
1.3.4. Perfil dos consumidores.....	16
1.4. Circuitos curtos Agroalimentares e promoção da Agricultura Biológica.....	17
2. Estudo do projeto “Semear Penafiel” .....	22
2.1. Objetivos.....	22
2.2. Contextualização geográfica e caracterização económica do concelho de Penafiel .....	22
2.3. Metodologia.....	23
2.3.1. Inquéritos ao grupo de produtores do projeto “Semear Penafiel” .....	24
2.3. Inquéritos aos consumidores de produtos biológicos do Concelho de Penafiel.....	25
3. Resultados.....	26
3.1. Caracterização do projeto “Semear Penafiel”.....	26
3.2. Caracterização do grupo de produtores do projeto “Semear Penafiel” .....	28
3.3. Caracterização dos consumidores de produtos biológicos do Concelho de Penafiel.....	43
4. Discussão e Conclusão .....	53
Referências Bibliográficas.....	59
ANEXOS .....	63

## Resumo

A agricultura biológica, é vista como uma das formas de atuar construtiva e equilibradamente nos sistemas agrícolas, melhorando a fertilidade dos solos, promovendo o correto uso da água e preservando a biodiversidade, para além de produzir alimentos de elevada qualidade e fortalecer a economia rural.

Os objetivos deste trabalho são analisar o projeto “Semear Penafiel”, caracterizando as explorações, analisando o perfil dos produtores biológicos que integram o projeto e o perfil dos consumidores de produtos biológicos do concelho de Penafiel no sentido de identificar motivações e barreiras que permitam propor metodologias de intervenção que visem melhorar a promoção e implementação de novas formas de comercialização de circuito curto.

Após uma revisão bibliográfica sobre o tema, elaborou-se e aplicaram-se dois inquéritos, um dirigido aos produtores do projeto “Semear Penafiel”, e outro dirigido aos consumidores de produtos biológicos do concelho de Penafiel. Após a definição do inquérito, foi aplicado numa plataforma digital (Google Drive) e disseminado *online* via correio eletrónico pelos contactos pessoais dos produtores. O método quantitativo foi o método utilizado, baseado na aplicação dos inquéritos e da informação obtida com a sua análise.

Após análise dos inquéritos verificou-se que estamos perante um grupo de produtores jovens, predominando a faixa etária dos 18-45 anos sem formação académica superior na área agrícola, com certificação biológica na faixa de tempo de 1-5 anos. No que concerne à caracterização das explorações, estas maioritariamente apresentam áreas de 1-5 hectares. As hortícolas, fruteiras e aromáticas dominam as produções do grupo, com áreas de produção das mesmas maioritariamente abaixo de 1 hectare.

No que respeita à caracterização dos consumidores biológicos do concelho de Penafiel verificou-se que mais de metade da amostra pertencia ao sexo masculino, pertencendo predominantemente à faixa etária dos 20 aos 34 anos, com o hábito de consumo recente. Os locais de compra mais referenciados foram os mercados locais e diretamente no produtor. Como fatores limitadores foram referenciados maioritariamente o preço dos alimentos e as dificuldades de encontrar estes alimentos.

**Palavras-chave:** *agricultura biológica, mercados de proximidade, circuitos curtos*

## **Abstract**

Organic farming is seen as a way of acting in constructive and balanced agricultural systems, by improving soil fertility by promoting the correct use of water and preserving biodiversity, in addition to producing high quality food and strengthen the rural economy. The objectives of this work are to analyze the project "Semear Penafiel", characterizing the holdings, analyze the profile of organic producers who are members of the project and the profile of consumers of organic products from the municipality of Penafiel in order to identify motivations and barriers to propose methodologies of intervention aimed at improving the promotion and implementation of new forms of marketing of short circuit. After a review of the literature on the topics, it was produced and applied two surveys, one directed to the producers of the project "Semear Penafiel", and another directed to the consumers of organic products of the city of Penafiel.

After the definition of the survey, it was applied in a digital platform (Google Drive) and disseminated online via electronic mail by personal contacts of the producers. After analysis, it was found that we are faced with a group of young organic producers, with predominant age from 18 to 45 years without academic training top in the agricultural area, with organic certification in time range of 1-5 years. With regard to the characterization of these holdings, mostly present areas of 1-5 hectares. The vegetables, fruit and aromatic herbs dominate the productions of the group, with production areas mostly, below 1 hectare.

With regard to the characterization of organic consumers from the municipality of Penafiel it was found that more than half of the sample belonged to the male sex, belonging predominantly to the age range of 20 to 34 years, with the recent habit of consumption. The places of purchase more referenced were the local markets and directly to the producer. As limiting factors were referenced mainly the price of the products and the difficulties of finding these products.

**Key words:** organic farming, local markets, short circuits

## **Agradecimentos**

Gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que colaboraram na realização deste trabalho.

À minha orientadora Professora Luísa Moura e co-orientadora Professora Isabel Mourão pela disponibilidade, sabedoria e conselhos, a minha imensa gratidão.

À Doutora Susana Oliveira da Câmara Municipal de Penafiel, ao Engenheiro José Rocha e Engenheiro Mário Silva da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, pela disponibilidade e ajuda prestada.

Agradeço aos produtores do projeto “Semear Penafiel” a disponibilidade e apoio na realização dos inquéritos e aos consumidores que participaram na resposta aos inquéritos enviados.

Agradeço à Daniela pela ajuda e paciência.

Por fim, queria agradecer com um carinho especial aos meus pais pelo seu afeto, apoio e compreensão.

## Lista de figuras

Figura 1 - Desenvolvimento das áreas produzidas no MPB nos diferentes continentes, entre 1999 e 2011 (Willer e Lernoud, 2013). .....	3
Figura 2 - Área cultivada em MPB na Europa em 2011 (FIBL, 2013) .....	5
Figura 3 - Evolução das áreas produzidas no MPB em Portugal Continental 2000-2011 (GPP, 2011) .....	6
Figura 4 - Evolução das áreas (ha) produzidas em mpb na região Norte de Portugal 2000-2011 (GPP, 2011) .....	8
Figura 5 - Evolução do nº de produtores no MPB na região Norte de Portugal 2000-2011 (GPP, 2011). .....	9
Figura 6 - Cartaz promocional da feira "Aromas da Nossa Terra" .....	28
Figura 7 – Idade dos produtores .....	29
Figura 8 – Percentagem de produtores a tempo inteiro .....	29
Figura 9 – Escolaridade dos produtores e formação profissionais .....	30
Figura 10 - Formação específica em Agricultura Biológica .....	30
Figura 11 - Número de anos com certificação biológica.....	31
Figura 12 - Área total das explorações .....	32
Figura 13 - Área agrícola utilizável.....	32
Figura 14 - Área produtiva de cereais .....	33
Figura 15 - Área produtiva de hortícolas.....	34
Figura 16 - Área produtiva de fruteiras .....	34
Figura 17 - Área produtiva de vinha.....	34
Figura 18 - Área produtiva de aromáticas .....	35

Figura 19 - Área produtiva de culturas forrageiras (incluindo pastagens anuais).....	35
Figura 20 - Área produtiva de culturas oleaginosas e leguminosas .....	36
Figura 21 - Quantidades aproximadas produzidas de hortícolas .....	36
Figura 22 - Quantidades aproximadas produzidas de aves.....	37
Figura 23 - Quantidades aproximadas produzidas de uvas .....	37
Figura 24 - Quantidades aproximadas produzidas de azeitonas.....	37
Figura 25 - Frequência do apoio técnico .....	38
Figura 26 - Classificação do apoio prestado pelas organizações de produtores.....	38
Figura 27 - Classificação do apoio prestado pelos serviços oficiais .....	38
Figura 28 - Classificação do apoio prestado pelas entidades privadas.....	39
Figura 29 - Classificação do apoio prestado pela indústria .....	39
Figura 30 - Classificação do apoio prestado pelos colegas .....	40
Figura 31 – Género (Feminino/Masculino).....	44
Figura 32 – Idade dos consumidores .....	44
Figura 33 - Constituição do agregado familiar .....	45
Figura 34 - Elementos do agregado familiar .....	45
Figura 35 - Habilitações literárias dos consumidores.....	45
Figura 36 - Situação profissional dos consumidores de produtos biológicos.....	46
Figura 37 – Consumidor de produtos biológicos /nº de anos de consumo.....	46
Figura 38 - Frequência de consumo .....	47
Figura 39 - Orçamento disponibilizado para aquisição de produtos biológicos.....	47

Figura 40 - Costume de comprar os produtos biológicos em Penafiel .....	48
---	----



## Lista de quadros

Quadro 1- Culturas, áreas e números de produtores em agricultura biológica em Portugal, em 2011 (GPP, 2013) .....	7
Quadro 2 - Produções e número de produtores em MPB na região Norte de Portugal em 2011 (GPP, 2011) .....	9
Quadro 3 - Número de efetivos e número de produtores em MPB na região Norte de Portugal.....	10
Quadro 4 - Associações de Produtores de Agricultura Biológica de Portugal (Bioagrius, 2003).....	12
Quadro 5 - Alguns tipos de Circuitos Curtos Agroalimentares na Europa .....	19
Quadro 6 - Módulos lecionados nos cursos frequentados .....	31
Quadro 7 - Tipo de bens produzidos .....	33
Quadro 8 - Principais meios pessoais utilizados para obter informações.....	40
Quadro 9 - Principais meios impessoais utilizados para obter informações .....	41
Quadro 10 - Locais de venda dos produtos .....	41
Quadro 11 - Principais clientes.....	41
Quadro 12 - Produtos com maiores problemas de escoamento.....	42
Quadro 13 - Principais causas para as dificuldades de escoamento dos produtos .....	42
Quadro 14 - Serviços que gostava de ver prestado.....	43
Quadro 15 - Outros serviços que gostava de obter.....	43
Quadro 16 - Locais de compra dos alimentos biológicos.....	48
Quadro 17 - Motivos para o consumo de alimentos biológicos .....	49

Quadro 18 - Opinião sobre diferentes afirmações relacionadas com as diferenças entre a agricultura biológica e a convencional .....	49
Quadro 19 - Consumo de alimentos de agricultura biológica versus agricultura convencional.....	50
Quadro 20 - Fatores limitadores no mercado/consumo dos produtos de AB em Penafiel..	51
Quadro 21 - Identificação da responsabilidade na promoção dos alimentos de AB .....	51
Quadro 22 - Motivos pelos quais não consomem alimentos de agricultura biológica .....	52

## **Lista de Abreviaturas**

AB – Agricultura Biológica

ADL – Associação de Desenvolvimento Local

AMAP – Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade

CAADR - Centre Pour L'animation et L'appui au Developpement Rural

CMP – Câmara Municipal de Penafiel

CTA - Comissão Técnica de Avaliação

FCSH.UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa

FIBL – Instituto de Investigação em Agricultura Biológica

GAL – Grupos de Acção Local

GPP – Gabinete de Planeamento e Políticas

IFOAM - Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Biológica

IMAIAA - Instituto dos Mercados Agrícolas e da Indústria Agro-Alimentar

MAMAOT – Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território

Mha – Milhões de hectares.

MPB – Modo de Produção Biológico

SAU – Superfície Agrícola Útil

## **1. Introdução**

Num mundo fortemente globalizado e onde os grandes interesses económicos predominam, questões como a sustentabilidade, ambiente e qualidade de vida têm sido postos em segundo plano. O problema põe-se também no que diz respeito à agro-indústria, onde segundo Mourão et al. (2006) nas últimas décadas foram introduzidas elevadas quantidades de pesticidas, adubos, hormonas e outros produtos químicos de síntese, abandonadas práticas e variedades agrícolas tradicionais, o que alterou ecossistemas e a qualidade geral da cadeia alimentar.

A agricultura biológica, é vista como uma das formas de atuar construtiva e equilibradamente nos sistemas agrícolas, melhorando a fertilidade dos solos, promovendo o correto uso da água e preservando a biodiversidade, para além de produzir alimentos de elevada qualidade e fortalecer a economia rural. Segundo a IFOAM (2013), a agricultura biológica é um sistema de produção que sustenta a saúde dos solos, os ecossistemas e as pessoas. Baseia-se em processos ecológicos, da biodiversidade e ciclos adaptados às condições locais, ao invés do uso de fatores de produção externos à exploração com efeitos adversos. A agricultura biológica combina tradição, inovação e ciência para beneficiar o ambiente compartilhado e promover relações justas e uma boa qualidade de vida para todos os envolvidos. Maia e Carneiro (2011) indicam que embora não existam no referencial europeu de agricultura biológica pontos de controlo específicos relacionados diretamente com a segurança alimentar, a segurança dos alimentos é beneficiada, quer pelo cumprimento dos princípios do modo de produção biológico e das boas práticas inerentes, quer por se tratar de uma forma de produção que é feita sob o controlo de um organismo independente.

A crescente consciencialização ambiental e de sustentabilidade introduziram novas exigências nos mercados por parte dos consumidores. A segurança alimentar e a preocupação com o meio ambiente tem cada vez mais peso nas intenções de compra e levaram a que novas oportunidades de negócio surgissem na área agrícola. Os circuitos curtos são um novo modo de produção e distribuição, que assentam no princípio de produzir e consumir localmente, e tentam responder às expectativas dos consumidores, sobretudo daqueles que se preocupam com a sua pegada ecológica (Firmino, 2011). Em Portugal, esta é uma forma tradicional de escoamento e comercialização dos produtos agrícolas das explorações familiares de pequena escala, que ganhou uma nova dinâmica

por iniciativa das Câmaras Municipais, de Grupos de Ação Local (GAL), de Associações de Agricultores ou outras (EM REDE, 2013). De acordo com Saldanha (2013), a falta de dimensão de muitos empresários, associada às exigências que as grandes cadeias de distribuição estão a efetuar, tem contribuído para o abandono cada vez maior de muitas áreas agrícolas, com gravosas consequências socioeconómicas, ambientais, paisagísticas e culturais. Por isso, é de grande importância, que os mercados de proximidade devem ter como objetivo permitir o surgimento de outras alternativas, mais abrangentes, de ligação entre a produção e o consumo, que sejam mais que um mero local de compra e venda de produtos agrícolas, mas também como um acontecimento social, lúdico e informativo/formativo.

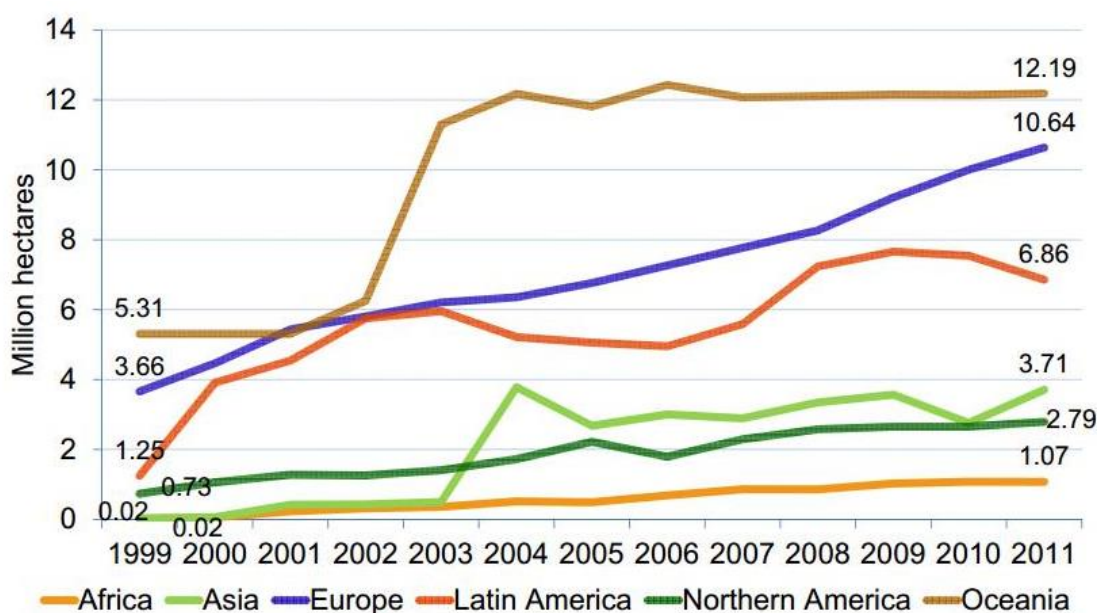
Tendo em conta que, aos municípios, atualmente, se lhes reconhece, paralelamente à sua atuação como executores diretos de ações no âmbito das suas competências, um papel de parceiros estratégicos das políticas públicas de desenvolvimento, crescimento e emprego e/ou de dinamizadores de iniciativas de interesse público local, o município de Penafiel desenvolve um projeto denominado SEMEAR PENAFIEL, que engloba iniciativas de apoio estratégico ao desenvolvimento agrário local (CM Penafiel, 2012).

Este trabalho tem como objetivos analisar o perfil dos produtores biológicos que integram o projeto “Semear Penafiel” e o perfil dos consumidores de produtos biológicos em Penafiel no sentido de identificar motivações e barreiras que permitam propor metodologias de intervenção para consolidar e expandir a atividade deste agrupamento de produtores biológicos. Propor metodologias de intervenção que visem melhorar a promoção e implementação de novas formas de comercialização de circuito curto, entre produtores biológicos e consumidores, de modo a resolver os problemas de comercialização dos produtos locais e melhorar as relações de proximidade entre quem produz e quem consome.

### 1.1. A Agricultura Biológica no Mundo e na Europa

Segundo os dados estatísticos da IFOM e FIBL de 2011 apresentados por Willer e Lernoud (2013), 162 países no mundo apresentavam dados sobre a agricultura biológica. Em 2010 a agricultura biológica praticava-se em 160 países e 37,2 milhões de hectares agrícolas eram produzidos no modo de produção biológico, valor este superior ao registado em 1999 (11 milhões de hectares). No que respeita ao número de produtores, em 2011 foram contabilizados 1,8 milhões de produtores, em 2010 eram 1,6 milhões. Em 2011, 86 países tinham legislação relativa ao MPB e o mercado global atingiu os 62,800 milhões de dólares.

Os dados estatísticos da IFOM e FIBL de 2011, representados na Figura 1, mostram um crescimento do sector em todo o mundo desde 1999, em especial na Europa, na Austrália, na América Latina e na Ásia.



**Figura 1** - Desenvolvimento das áreas produzidas no MPB nos diferentes continentes, entre 1999 e 2011 (Willer e Lernoud, 2013).

De acordo com Ferreira (2012), o número de agricultores atingiu os 1,8 milhões em 2011, graças ao grande incremento da participação da Índia. Os países com maior número de agricultores a fazer agricultura biológica são a Índia (677,257), o Uganda (187,893) e o México (128,862).

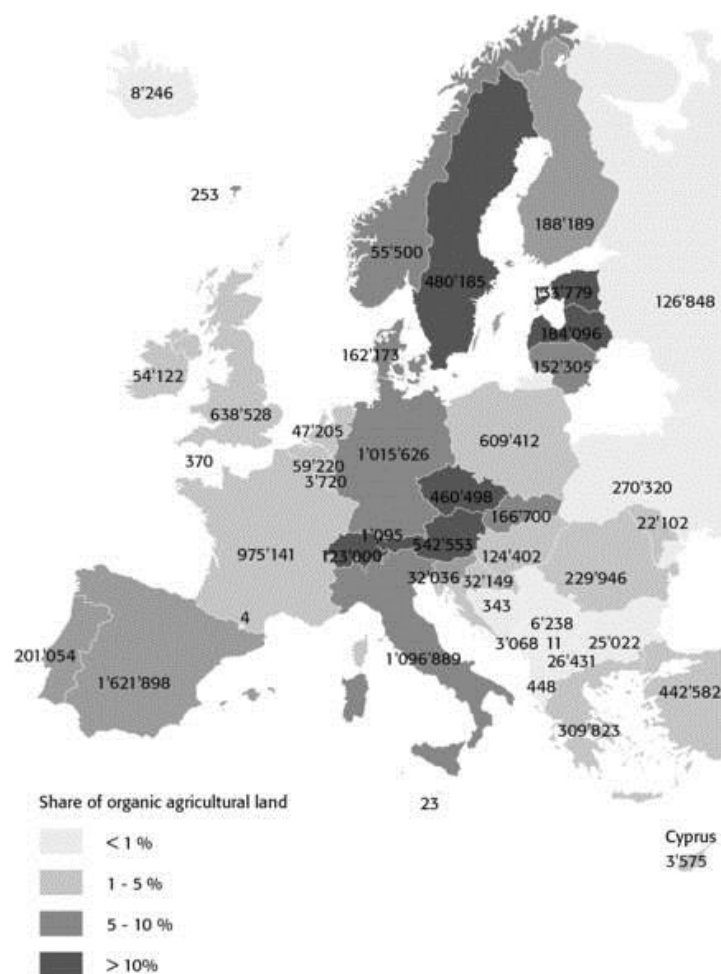
Ainda segundo o mesmo autor, 2/3 da área produzida em MPB são pastagens (23 Mha), os cereais incluindo o arroz que ocupa 2,5 Mha (6,7%), as culturas hortícolas 0,22 Mha (0,59%) e as culturas perenes 2,4Mha (6%). Dentro das culturas perenes destacam-se o café (0,54Mha), o olival (0,49Mha), o cacau (0,26Mha), os frutos secos (0,2Mha) e a vinha (0,19Mha).

Na Europa desde o início da década de 1990, a agricultura biológica desenvolveu-se rapidamente em quase todos os países. Esta evolução positiva deve-se também a várias medidas de apoio, tais como o financiamento dos programas de desenvolvimento rural, a proteção legal utilizada para indicar os produtos biológicos, os planos de ação, bem como o apoio à investigação (IFOAM e FiBL, 2011).

Em 2001 Cristóvão et al. (2001), indicam que na União Europeia (EU) o apoio à agricultura biológica crescia continuamente, sendo os resultados bem visíveis, referindo que a área de produção em MPB tinha aumentado mais do dobro entre 1992 e 2001. Ainda segundo estes autores, a área de produção em MPB correspondia a 2,2% da SAU e envolvia 1,45% das explorações. Os produtos biológicos representavam já cerca de 3% dos produtos alimentares vendidos na UE, enquanto em 1992 representavam apenas 1%.

De acordo com o relatório da Comissão Europeia (2010), entre 2000 e 2008, na UE, a área agrícola em modo de produção biológico passou de 4,3 para 7,6 milhões de hectares, o que representou um crescimento de 7,4% por ano. Em 2009 na União Europeia, registaram-se 8,3 milhões de hectares dedicados à agricultura biológica, representando 4,7% dos terrenos agrícolas de países da União Europeia, que foram utilizados por cerca de 220.000 produtores biológicos (IFOAM e FiBL, 2011).

Em termos absolutos, segundo a Figura 2, os estados membros com maiores áreas cultivadas em modo de produção biológico são, a Espanha com 1,6 Mha, a Itália e a Alemanha com 1 Mha cada, o Reino Unido com 0,72 Mha e França 0,97 Mha. No total estes países representam 57% da área cultivada em MPB na EU (FiBL, 2013).



**Figura 2** - Área cultivada em MPB na Europa em 2011 (FIBL, 2013)

## 1.2. A Agricultura Biológica em Portugal

### 1.2.1. História e expansão da Agricultura Biológica em Portugal

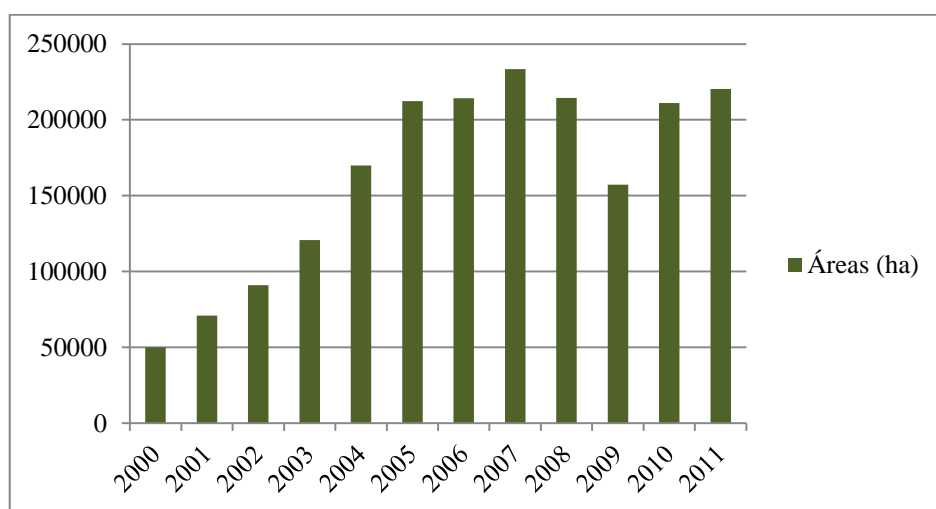
Em Portugal, as primeiras experiências em agricultura biológica datam dos anos 50 e têm como pioneiro Luís Alberto Vilar, mentor e fundador da —União Fraternal de Agricultores. Em 1976, começou a divulgar a agricultura biológica através dos seus artigos que publicava no “*O Século*” e na coleção “*Agro-Sanus*” (Ferreira, 2002).

Em Fevereiro de 1985, é fundada a AGROBIO – Associação Portuguesa de Agricultura Biológica, com sede em Lisboa. Até muito recentemente, esta Associação foi, na verdade, a principal instituição responsável pela difusão da ideia e pela promoção da produção, sobretudo através da experimentação, do estímulo à troca de experiências e da disseminação de informação entre agricultores e consumidores. (Fonseca, 2010).



O número de produtores cresceu muito lentamente até 1990. Desde então a taxa de crescimento começou a aumentar. Em 1993, a agricultura biológica representava cerca de 2.790 ha. As principais mudanças ocorreram em 1996 e, desde aí, o número de agricultores e a superfície ocupada cresceram substancialmente. As Medidas Agroambientais da UE, especialmente através dos subsídios ao rendimento, encorajaram a emergência de novos operadores, sobretudo produtores, em particular no Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes. A área apoiada por essas medidas passou de 910 ha, em 1995, para 9.938 ha, em 1997, e o número de explorações apoiadas evoluiu de 166 para 226. (Cristóvão et al, 2001).

Ainda segundo os mesmos autores, no final de 1999, a agricultura biológica representava 47.974 ha, ou seja, cerca de 1% da área cultivada no país e o número de operadores, na grande maioria produtores, era de 750.



**Figura 3** - Evolução das áreas produzidas no MPB em Portugal Continental 2000-2011 (GPP, 2011)

As áreas produzidas, no MPB em Portugal Continental entre 2000 e 2011, aumentaram consideravelmente passando de 50000 ha no ano 2000 para 220387 ha em 2011 (Figura 3). Verificou-se uma regressão nas áreas produzidas em 2008, que se deveu ao facto de em 2007 terem surgidos novos apoios a outros modos de produção o que levou alguns produtores a optar por mudar para outros modelos produtivos (INTERBIO,2011).

As estatísticas do Ministério da Agricultura indicam para 2011 os valores do Quadro 1, onde se verifica que, as pastagens se destacam com a maior área produzida, seguida da

floresta e do olival, que o maior número de produtores se dedica à produção de olival e que as plantas aromáticas e medicinais apresentam o menor número de produtores.

**Quadro 1-** Culturas, áreas e números de produtores em agricultura biológica em Portugal, em 2011 (GPP, 2013)

<b>Cultura</b>	<b>Área - hectare</b>	<b>Produtores - nº</b>
Pastagens	131.614	993
Floresta (pinheiro manso, sobreiro, azinheira,...)	19.533	205
Olival	18.664	1.385
Forragens	15.382	408
Pousio	10.275	422
Culturas Arvenses	9.386	424
Fruticultura	6.488	774
Frutos Secos	4.428	707
Vinha	2.527	527
Plantas Aromáticas e Medicinais	1.324	197
Hortícolas	766	407
<b>Total</b>	<b>220.387</b>	<b>6.449</b>

Segundo Ferreira (2012), a evolução do sector em Portugal tem sido crescente mas lenta, com algumas culturas como as pastagens a aumentar devido à aplicação de Medidas Agroambientais. Ainda segundo o mesmo autor, a situação portuguesa é bastante diferente da maioria dos restantes países europeus, pois o crescimento tem ocorrido mais em área do que em produção. A área média por exploração biológica (cerca de 8,6 ha), é das maiores da Europa e o número de produtores é dos menores.

De acordo com Rodrigues (2011), o Governo Regional da Madeira através da sua Direção Regional de Agricultura, o Parque Natural da Madeira e a Associação de Jovens Agricultores da Madeira e Porto Santo, em 1996 deram os primeiros passos no desenvolvimento da Agricultura Biológica na Madeira, iniciando com nove produtores e com um total de 11 hectares. Em 2011, assistia-se a um aumento significativo da produção biológica, sobretudo nas culturas da vinha e da banana, produtos com grande potencial de mercado de exportação, sendo até á data cerca 5% da área de cultivo total da Região. Um total de 78 produtores explorava cerca de 250 hectares em MPB (Rodrigues, 2011).

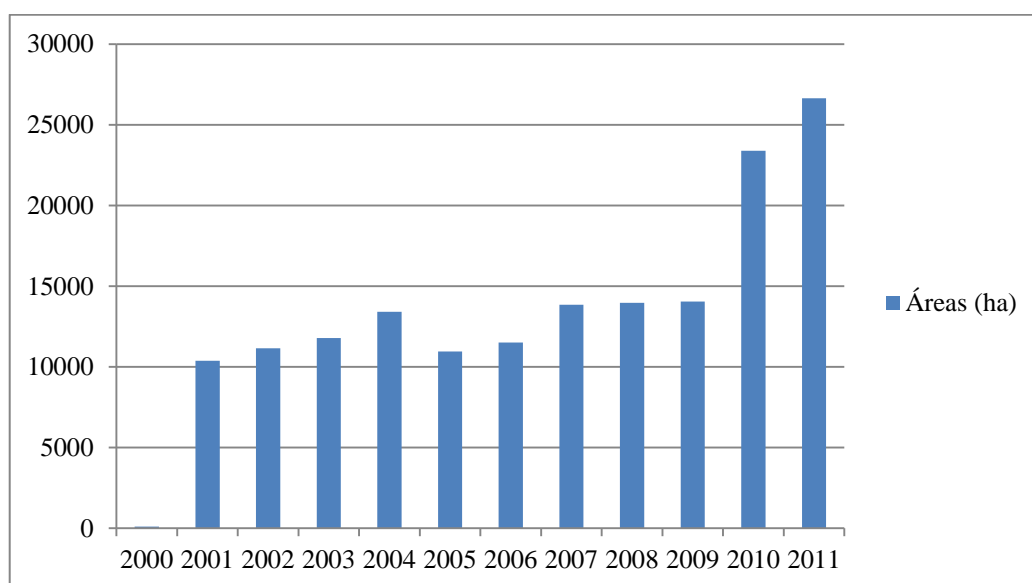
Nos Açores o MPB com certificação começou a ser praticado em 1997. De início contava com um número reduzido de explorações. Em 2006 existiam 20 unidades certificadas, num

total de 66,5 ha, distribuídas por 3 ilhas: S. Miguel (28,6 ha) S. Jorge (26,9 ha) e Terceira (11 ha). As pastagens ocupam 49% da área agrícola, os frutos frescos ocupam 28%, destacando-se o ananás, mas também outras espécies de cariz tropical tais como: tamarilho, maracujá, goiaba, anonas, banana, etc. A horticultura aparece em terceiro lugar, com 14% da área (FCSH.UNL, 2013).

### 1.2.2. Caracterização da Produção Biológica na região Norte de Portugal

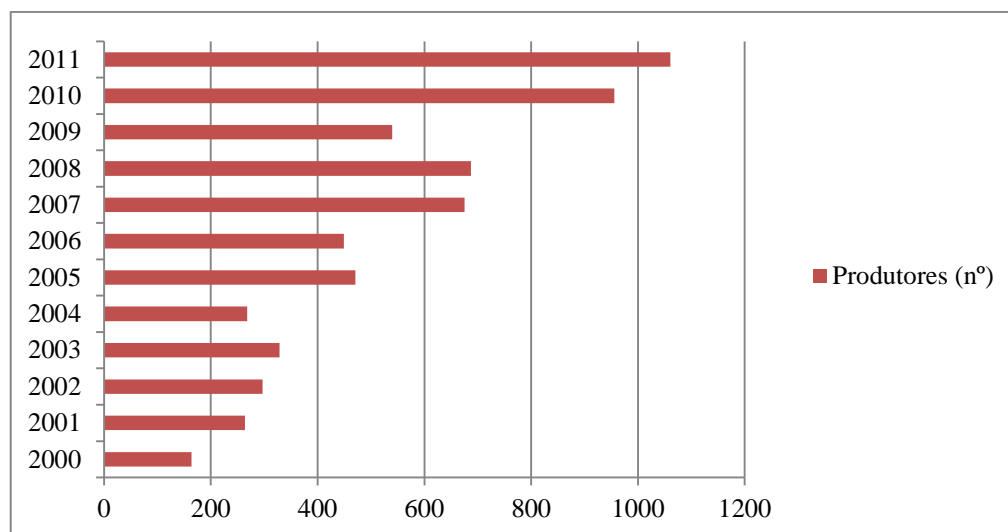
É a partir de 1994 que começa a haver registo da existência de produtores biológicos na área da atual Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte. Na altura o total de área ocupada por este modo de produção não ultrapassava os 3.366 ha (Barrote, 2008).

A área produtiva em MPB aumentou consideravelmente entre 2000 e 2011 na região Norte de Portugal passando de 104 hectares em 2000 para 26645 hectares em 2011, apresentando ligeiras inversões esporádicas em alguns anos (Figura 4).



**Figura 4** - Evolução das áreas (ha) produzidas em mpb na região Norte de Portugal 2000-2011 (GPP, 2011)

O número de produtores no MPB na região Norte de Portugal 2000-2011, também aumentou significativamente passando de 164 em 2000 para 1061 em 2011 (Figura 5).



**Figura 5** - Evolução do nº de produtores no MPB na região Norte de Portugal 2000-2011 (GPP, 2011).

Segundo as estatísticas de 2011 do Gabinete de Planeamento e Políticas (Quadro 2), na região Norte de Portugal predominavam, em termos de área (ha) produzida, a fruticultura, o olival, as pastagens, os frutos secos e a floresta. O total de área cultivada em 2011 eram 26.645 ha o que correspondia a cerca de 0,09% da SAU da região. Em relação ao número de produtores, em 2011, concentravam-se mais na produção de olival, frutos secos, fruticultura, vinha e pastagens.

**Quadro 2** - Produções e número de produtores em MPB na região Norte de Portugal em 2011 (GPP, 2011)

	Entre Douro e Minho		Trás-os-Montes	
	Área (ha)	Produtores (nº)	Área (ha)	Produtores (nº)
Culturas Arvenses	46	49	464	54
Floresta	485	30	2.655	6
Pastagens	2.865	62	3.536	156
Olival	185	38	6.322	561
Vinha	159	68	876	180
Fruticultura	4.498	161	328	208
Horticultura	64	84	20	46
Frutos Secos	205	83	3.281	455
Plantas aromáticas	38	58	2	13
Pousio	28	25	298	72
Culturas Forrageiras	87	45	201	32
<b>Total</b>	<b>8.660</b>	<b>703</b>	<b>17.985</b>	<b>1783</b>

Em relação ao efetivo animal (Quadro 3), em 2011 e segundo a mesma fonte, predominava a apicultura, os ovinos, os bovinos e os caprinos. O número de produtores era mais significativo na produção apícola, de ovinos e de bovinos.

**Quadro 3** - Número de efetivos e número de produtores em MPB na região Norte de Portugal

	Entre Douro e Minho		Trás-os-Montes	
	Efetivos (nº)	Produtores (nº)	Efetivos (nº)	Produtores (nº)
Bovinos	1.608	36	1.304	41
Suínos	13	1	32	2
Caprinos	1.899	11	788	8
Ovinos	444	9	6.276	42
Equídeos	18	4	11	7
Aves	891	7	170	3
Apicultura	1.787	18	18.197	66
<b>Total</b>	<b>6.660</b>	<b>86</b>	<b>26.778</b>	<b>169</b>

Fonte: GPP, 2011

### 1.3.O mercado dos produtos biológicos em Portugal

#### 1.3.1. Os operadores de Agricultura Biológica em Portugal

##### 1.3.1.1. Associações de Agricultores

Fundada em 1985, a AGROBIO foi a primeira, e durante muitos anos a única, organização nacional de agricultura biológica. Foi criada para promover e disseminar a agricultura biológica, por um grupo de entusiastas reunidos em torno de Jean Claude Rodet. Neste momento, a AGROBIO concebeu o seu próprio conjunto de normas, baseada no trabalho desenvolvido pela associação de agricultura biológica Francesa “Nature et Progrès”, estabelecendo um procedimento formal de certificação tendo desenvolvido a sua própria etiqueta biológica. Hoje, o seu logotipo com o símbolo de uma joaninha continua a ser usado nos produtos dos produtores biológicos seus associados, sendo facilmente reconhecido pelos numerosos consumidores destes produtos (Crisóstomo, 2011).

Em 2001 Cristóvão et al., (2001) referiam que a AGROBIO realizava uma atividade multifacetada, que incluía, o apoio técnico aos produtores e operadores, a formação, a

investigação, em parceria com universidades e outras instituições, a instalação de campos de demonstração, a promoção de produtos biológicos junto dos consumidores, a educação ambiental dos jovens, a edição e difusão de informação técnica e que até 1993 fazia também o trabalho de certificação e controlo.

Em 2011 contava com aproximadamente 5600 membros, incluindo consumidores, produtores, processadores, retalhistas, técnicos e estudantes. Teve um papel importante na criação do Regulamento (EEC) N° 2092/91 e 2078/92, definindo o suporte de medidas para a agricultura biológica a ser incluída no programa RURIS (2000-2006), participou na elaboração do plano de ação para a agricultura biológica de 2004, lançado pela Comissão Europeia para o desenvolvimento a AB na Europa, e mais recentemente, foi convidada para ser membro do CAADR. Desde o seu início, a AGROBIO é membro do IFOAM, participando nas Assembleias Gerais e nas conferências desde 1990 (Crisostomo, 2011).

Outra associação portuguesa de agricultura biológica é a INTERBIO, que foi fundada em 2005 para proteger e representar os interesses dos operadores de agricultura biológica. O seu carácter interprofissional é refletido nos seus membros compostos por atores de toda a cadeia biológica, incluindo produtores, processadores, distribuidores e retalhistas assim como consultores biológicos e inspetores (Crisostomo, 2011).

Fortemente orientado para as políticas, a INTERBIO desenvolve um intenso trabalho de relações com o governo, incluindo iniciativas políticas, o monitoramento da atividade da autoridade competente e contribuindo também para a regulamentação da agricultura biológica na UE e para as alterações do Programa de Desenvolvimento Rural. A INTERBIO é membro da CTA e CAADR (INTERBIO, 2011).

Cristóvão et al. (2001) referem que existiam à data seis associações a nível regional que no seu conjunto cobriam praticamente todo o território nacional, incluindo as regiões autónomas dos Açores e Madeira. Todas elas visavam a promoção da AB através da informação, formação, assistência técnica e apoio a atividades de experimentação. Algumas intervinham também no domínio da comercialização dos produtos, nomeadamente a Associação dos Açores (NATURA) e a do sul do continente (SALVA).

Na Figura 4, estão representadas as associações reconhecidas como Organizações de Agricultores em Modo de Produção Biológico pela Portaria n.º 180/2002, apresentadas pela Bioagrius em 2003. Este diploma estabelece as condições e o procedimento para o

reconhecimento das organizações de produtores em MPB, bem como dos técnicos que podem prestar assistência em MPB (Bioagrius, 2003).

**Quadro 4** - Associações de Produtores de Agricultura Biológica de Portugal (Bioagrius, 2003)

ARAB	Associação Regional de Agricultores Biológicos da Beira Interior
ACORPSOR	Associação de Criadores de Ovinos da Região de Ponte de Sor
ELIPEC	Agrupamento de Produtores de Pecuária, S.A.
AGRIDIN	Associação Profissional para o Desenvolvimento da AB e Biodinâmica
ACRIGA	Associação de Criadores de Gado e Agricultores
	Associação de Agricultores Biológicos Transmontanos
AGROBIO	Associação Portuguesa de AB
BIORAIA	Associação de Agricultores Biológicos da Raia
Montes do Nordeste	Associação de Produtores de AB de Trás-os-Montes e Alto Douro
APATA	Associação de Produtores Agrícolas Tradicionais e Ambientais
AGRIARBOL	Associação dos Produtores Agroflorestais da Terra Quente
SALVA	Associação de Produtores em AB do Sul
BIO-ANA	Associação Nacional de Agricultores Biológicos
NATURA	Associação Açoriana de AB
AJAMPS	Associação de Jovens Agricultores da Madeira e Porto Santo
INTERBIO	Associação Interprofissional para a Agricultura Biológica

### 1.3.1.2. Organizações de Inspeção e Certificação

A certificação de um produto é a forma de garantir a sua conformidade com as normas definidas para a sua produção. A certificação também se aplica a processos ou serviços e é da responsabilidade dos Organismos de Controlo e Certificação (Mourão, 2007).

Os agricultores, transformadores e importadores biológicos, devem cumprir regulamentos rigorosos se quiserem usar o rótulo ou logótipo da UE para a agricultura biológica ou distinções nacionais equivalentes. Para assegurar que eles cumprem estes regulamentos, foi criado um sistema de inspeção igualmente rigoroso.

Em Portugal, a inspeção e certificação dos procedimentos previstos no Regulamento (EC) 834/2007 é realizado por organizações privadas, acreditadas de acordo com o EN 45011 (Crisostomo, 2011).

Estas inspeções têm que ser realizadas em cada fase da cadeia de abastecimento da agricultura biológica, permitindo ao consumidor, quando compra produtos biológicos, confiar que estes foram produzidos de acordo com as rigorosas normas Europeias com

vista ao respeito pelo ambiente, bem-estar animal e inspecionados de acordo com essas normas.

O Conselho de Certificação com representantes dos diversos operadores, desde a produção até ao consumidor, contribui para o cumprimento da norma de qualidade NP/EN 45011, que é oficialmente verificado através da Entidade Competente do Estado Membro, que em Portugal é o Ministério da Agricultura e as Secretarias Regionais das Regiões Autónomas (Mourão, 2007).

Após a introdução do Regulamento (EEC) No. 2092/91, a AGROBIO e o IMAIAA suportaram a criação de um sistema de certificação independente, tendo a SOCERT sido fundada em 1994. A SOCERT era uma empresa de capital misto, formada por associados portugueses que tinham sido anteriormente inspetores da AGROBIO. De 1995 a 1999, a SOCERT era a única organização de inspeção autorizada segundo o Reg. (EEC) 2092/91. Mais tarde, em 2000, a SATIVA, uma empresa nacional, foi aprovada para inspeções e certificações biológicas à qual se juntou, em 2003, a CERTIPLANET, depois de uma divisão da SOCERT, que por sua vez se tornou uma subsidiária da ECOCERT, chamada ECOCERT-Portugal. Em 2004, outros dois organismos de inspeção de nome AGRICERT e CERTIALENTEJO (ambos sediados no Alentejo) são aprovados e certificados, seguidos em 2005 de outra certificadora, a “Tradição e Qualidade”, sediada em Trás-os-Montes. A CERTIALENTEJO, que em 2009 passou a ter a designação de CERTIS, tornou-se o segundo maior organismo de controlo em Portugal, alargando a sua área de intervenção geográfica e prestação de serviços, para incluir a certificação florestal (PEFC e FSC). Em conjunto com a SATIVA, são os únicos organismos de controlo membros da INTERBIO. Mais recentemente em 2007, surgem a CODIMACO e a SGS ICS, reconhecidos como organismos de inspeção para a produção biológica (Crisostomo, 2011).

Em 2011 é fundada a NATURALFA, empresa de natureza privada, que tem por objetivo desenvolver serviços de controlo e certificação de produtos agrícolas (NATURALFA, 2011).

### **1.3.2. Valor do mercado dos produtos biológicos**

O sector da agricultura biológica conseguiu estabelecer um mercado para os seus produtos, que só foi possível através do desenvolvimento e implementação de um método de produção definido e garantido por sistemas de controlo e certificação adequados. O nicho



de mercado para produtos biológicos é altamente dependente da confiança que os consumidores depositam no sistema de certificação de garantia de produto genuíno (CE, 2004).

Em Portugal, não existe um sistema de recolha de dados estatísticos sobre o mercado biológico, quer a nível governamental ou privado (Crisostomo, 2011). No relatório do projeto MadeirAdapt (2005), era descrito que o mercado dos produtos biológicos em Portugal se encontrava consideravelmente segmentado, existindo muitos mercados de dimensão local que comercializavam pequenas quantidades de produtos, não havendo um mercado de dimensão nacional.

O valor de vendas a retalho de produtos alimentares biológicos foi estimado pela INTERBIO, em 2010, entre 20 e os 22 milhões de euros, o que corresponde a uma quota inferior a 0,2 por cento do mercado total de alimentos. A despesa média anual *per capita* de produtos biológicos é de cerca de 2 Euros. A INTERBIO (2011) relatara ainda uma taxa de crescimento anual média de mais de 20 por cento. Esta tendência de forte procura por alimentos biológicos tem sido visível ao longo dos últimos anos através do aumento do número de lojas especializadas e do desenvolvimento da comercialização através de mercados de venda direta do produtor ao consumidor nos principais centros urbanos.

Hoje em dia, os consumidores procuram consumir os produtos nacionais porque há um sentimento de contribuir para o incremento da economia nacional e para a defesa dos produtos e produtores nacionais. Para o fortalecimento deste sentimento têm contribuído diversas iniciativas que promovem o consumo de produtos nacionais e locais. Estas novas tendências de consumo criam novas oportunidades de mercado para as produções agrícolas e agroalimentares locais, riqueza que é necessário preservar e constitui um potencial que pode ser utilizado criando benefícios para os agricultores, os consumidores, os territórios e para a preservação do ambiente (Cristas, 2013).

### **1.3.3. Canais de comercialização**

Os produtos biológicos podem ser comercializados através de diferentes canais de comercialização. A distribuição através de canais longos caracteriza-se pela intervenção de um grande número de operadores nomeadamente produtores agrícolas, fabricantes transformadores, retalhistas e consumidores. Nos casos em que é necessário o abastecimento de produtos no mercado internacional, participam além do consumidor, os

exportadores do mercado de origem e as empresas importadoras. Estas últimas são as que abastecem as indústrias elaboradoras, os grossistas e as grandes cadeias de supermercados e hipermercados. Na distribuição de produtos biológicos através de canais curtos participam só a empresa produtora, o distribuidor e o consumidor. É o caso das empresas ou explorações agrícolas que vendem diretamente em feiras locais, às lojas especializadas, cadeias de supermercados, etc. (Minetti, 2002).

Relativamente à comercialização de produtos biológicos em Portugal, existem diferentes vertentes de mercados biológicos, localizados em diversas regiões do continente e das regiões insulares dos Açores e Madeira. Não há um modelo único, antes uma pluralidade de estratégias a adotar consoante o contexto local ou regional (Streecht et al., 2013).

O primeiro ponto de venda exclusivamente biológico abriu no Verão de 1991 em Lisboa nas instalações da AGROBIO. Mais tarde, em 1993 surge a BIOCOOP, com um espaço de vendas de 500 m<sup>2</sup>, e que durante um longo período foi o único supermercado especializado de venda de alimentos biológicos. Em 2007 surgiu a Miosótis e em 2008 o Brio, que nos anos seguintes abriram mais uma e três lojas, respetivamente. Desde 1993 os produtos biológicos passaram a ser também vendidos em supermercados convencionais localizados nas cidades com mais habitantes (Crisostomo, 2011).

Em 2004, Costa e Cristóvão indicavam que as lojas e empresas que comercializavam produtos biológicos em Portugal tinham, maioritariamente, apenas um estabelecimento de vendas, uma área de exposição inferior a 50m e apenas um funcionário a tempo inteiro. A venda direta nas explorações agrícolas, lojas de explorações, venda de cabazes e comércio online assumem outras formas de venda, de menor volume de produtos, mas igualmente importante. Há também que referir as feiras biológicas que se tornaram cada vez mais populares. Estas iniciativas começaram em 2004 e foram implementadas nas grandes cidades como Lisboa, Porto, Braga, Aveiro, Coimbra, Cascais, Oeiras, Algés, etc. (Crisostomo, 2011). De acordo com Costa e Cristóvão (2004), o número de pontos de comercialização estava a crescer e espalhar-se no território nacional. Apesar da forte concentração nas grandes cidades do litoral, a quantidade e diversidade de produtos oferecidos também era crescente, sendo a sua origem diversa. Os produtos transformados provinham sobretudo da importação, enquanto que no caso dos frescos funcionava a oferta interna e a importação, em misturas variáveis consoante o produto.

Segundo Vasconcelos (2013), na Madeira, a aquisição de produtos biológicos frescos pode ser feita essencialmente, de duas maneiras: através de biocabazes entregues ao domicílio ou no mercadinho que se realiza uma vez por semana no centro do Funchal. Este mercado biológico começou a realizar-se por iniciativa do Governo Regional, dando a oportunidade aos agricultores, de MPB regionais, de comercializarem os seus produtos.

A atual direção da Cooperativa Bio-Azórica, procedeu à construção, inauguração e gestão do Mercado de Produtos Biológicos, situado no concelho da Praia da Victória, na ilha Terceira. Este mercado destina-se exclusivamente à comercialização de produtos biológicos, sejam frescos ou embalados, produzidos ao nível local, regional ou importados do Continente (Bio-Azórica, 2013).

#### **1.3.4. Perfil dos consumidores**

Segundo Minetti (2002) o perfil do consumidor de alimentos biológicos mudou nos últimos quinze a vinte anos, tendo passado de um grupo minoritário de militantes chamado de *gente alternativa* para um grupo muito maior de *gente moderna*, interessada por assuntos relacionados com a saúde, o cuidado físico e o prazer.

O perfil dos consumidores de produtos biológicos apresenta algumas características dominantes, confirmadas por diversas pesquisas (Minetti, 2002; Costa e Cristóvão, 2004; Lima, 2013) como o maior nível educacional e/ou o maior nível de consciencialização ecológica e ambiental, principalmente do sexo feminino, com uma idade compreendida entre os 20 e os 40 anos e pertencendo a um extrato social médio-alto.

Um estudo recente realizado por Lima (2013) *sobre o perfil do consumidor de alimentos de agricultura biológica em Portugal*, mostram que a quase a totalidade dos consumidores de agricultura biológica, considera como principal motivo de consumo destes alimentos, as questões referentes à saúde, seguido da componente de sabor dos alimentos e, por fim, por motivos ambientais. Como fatores limitantes foram referenciados maioritariamente os custos dos alimentos, a falta de divulgação e procura, o pouco interesse das grandes superfícies, a dificuldade em encontrar, assim como o fraco apoio das entidades responsáveis. Este mesmo estudo revela que os consumidores biológicos em Portugal pertencem predominantemente a grupos etários entre os 20 e os 49 anos e vivem maioritariamente em centros urbanos. As famílias são formadas por casais com filhos, sendo o agregado familiar composto especialmente por três ou quatro elementos. A

maioria tem um elevado nível académico. Ainda de acordo com este autor, o hábito de consumo de produtos biológicos em Portugal é recente, uma vez que praticamente metade dos consumidores inquiridos referiram que consomem há menos de 5 anos, e um quarto dos inquiridos há menos de 10 anos. No que respeita à periodicidade da compra dos alimentos, dividiam-se claramente em dois grupos, que se abastecem semanal ou mensalmente. No que respeita ao local de compra de produtos biológicos, concluiu-se que cerca de um terço dos consumidores adquirem os alimentos diretamente ao produtor e um pouco mais de um terço em mercados locais, em lojas especializadas e hipermercados (Lima, 2013).

#### **1.4.Circuitos curtos Agroalimentares e promoção da Agricultura Biológica**

Cristas (2013), defende que no atual exercício de programação dos apoios para 2014-2020, é uma prioridade do MAMAOT, através de uma abordagem nacional e regional/local multifundos, incentivar o desenvolvimento dos circuitos curtos agroalimentares através do apoio ao investimento, promoção e divulgação, formação, instalação e organização dos agricultores, assim como criar proximidade investigação e desenvolvimento com a produção, fomento do inovação e apoio ao empreendedorismo.

A grande distribuição tem vindo a assumir uma importância crescente, as cadeias de “fast food” estão presentes em todo o país e os alimentos processados estão cada vez mais presentes na nossa dieta, por outro lado, as iniciativas de resistência ao sistema global também existem, visando, nomeadamente, defender a pequena agricultura, manter ou reconstruir sistemas alimentares de proximidade e promover as ligações entre produtores e consumidores (Cristóvão e Tibério, 2008). Os circuitos curtos são um novo modo de produção e de distribuição, que assentam no princípio de produzir e consumir localmente, e tentam responder às expectativas dos consumidores, sobretudo daqueles que se preocupam com a sua pegada ecológica (Firmino 2011). Mais do que em qualquer outro sector de atividade, faz sentido privilegiar os circuitos curtos, reduzindo o impacto ambiental de todo o circuito, que inclui diversos tipos de transportes, armazenamentos, conservação, embalamentos, permitindo além disso a retenção de uma parte mais significativa da mais-valia com a produção, em detrimento da parte não produtiva da cadeia de operações até ao consumidor final (Streecht et al., 2013).

De acordo com Cristóvão e Tibério (2008), os circuitos curtos apresentam várias vantagens face aos mercados convencionais e globais. Fortalece as economias regionais, apoia as explorações agrícolas familiares, fornece alimentos frescos e deliciosos aos consumidores, preserva a paisagem local e pode ajudar a criar um sentido de comunidade estimulado pelo encontro, socialização e debate de ideias promovido por este tipo de circuito e mercados. Este tipo de movimentos, nascidos no Japão e Estados Unidos a partir da segunda metade do século XX, visam reconstruir sistemas alimentares de proximidade, ligando produtores e consumidores e têm-se expandido por várias zonas do globo (Quadro 5), em particular na América Latina (Brasil e Argentina) e Sul da Europa, com especial relevo para França, Itália, Bélgica, Espanha e Portugal (Tibério, 2013).

Em Portugal, as primeiras experiências de comercialização de proximidade de produtos agrícolas, com este enfoque no desenvolvimento territorial, surgem promovidas por Associações de Desenvolvimento Local, em Odemira e na Península de Setúbal. Com o apoio da Rede Portuguesa LEADER+, no quadro do projeto ReCíProCo, cujo mote foi a criação de relações de cidadania entre produtores e consumidores, as Associações de Desenvolvimento Local (ADL), com experiência neste domínio, envolveram-se num processo de sensibilização, a nível nacional, de consumidores, produtores e entidades responsáveis pela animação dos processos a nível local, nomeadamente os Grupos de Ação Local (GAL).

### Quadro 5 - Alguns tipos de Circuitos Curtos Agroalimentares na Europa

Designação	Breve Descrição
ECOCONSUM (Espanha)	Coordenadora Catalã de cerca de 20 organizações de consumidores de produtos biológicos. A Ecoconsum defende um consumo crítico de produtos biológicos locais, o envolvimento com produtores e uma intervenção social e política. As associações, cooperativas ou grupos informais são autogeridos rotativamente pelos consumidores.
Panier Hiroko (França)	Planificação partilhada da produção entre produtores e consumidores. Estes asseguram, de forma rotativa, duas a três vezes por ano, transporte dos cabazes do produtor ao ponto de distribuição dos cabazes, a gestão das encomendas, a organização de encontros com os produtores e promoção da Associação.
Val Bio Centre Les paniers du Val de Loire (França)	A Val Bio Centre é uma associação que reúne cerca de vinte produtores, uma escola agrícola e hortas de inserção. Criou em 2004 a distribuição de hortofrutícolas em cabazes sob a designação Les Paniers du Val de Loire.
La Binée Paysanne (França)	Os consumidores fazem as suas escolhas no site, os produtores reúnem-se e compõem os cabazes em função das encomendas. Não há qualquer compromisso.
GASAP Groupe d'Achat Solidaire de l'Agriculture Paysanne (Bélgica)	Em cada grupo existe uma equipa de voluntários responsáveis pela comunicação, criação e ajuda a novos núcleos e ligação ao produtor. A produção é paga com um mês a um ano antecedência, conforme as disponibilidades financeiras das famílias.
GAS Gruppi di acquisto solidale (Itália)	Cada GAS é autónomo mas pertence à rede de GAS nacional. Os consumidores escolhem os seus fornecedores segundo os princípios que cada grupo define. Cada ano tem lugar um encontro de núcleos GAS onde se trocam experiências, soluções e objetivos comuns são definidos. A dinamização de cada núcleo GAS é feita por voluntários.
Les Cueillettes de Landecy (Suíça)	Um agricultor estabelece um contrato anual de fornecimento de frutas e legumes. Os consumidores pagam antecipadamente um ano de produção e realizam as suas próprias colheitas de acordo com as instruções (variedades e quantidades) que o produtor semanalmente vai indicando a página web do projeto.
Les Jardins de Cocagne (Suíça)	Cada cooperante paga uma anuidade em função do seu rendimento e compromete-se ainda com quatro meios-dias de trabalho voluntário por ano. Aqueles que não cumprem com o trabalho voluntário pagam cerca de 40€ por cada meio-dia não realizado.
CSA (Reino Unido)	Grande variedade de grupos na organização, produção e voluntariado. Algumas comunidades optam pela aquisição ou arrendamento de terrenos empregando uma ou mais pessoas. Pode passar apenas pelo arrendamento de parcelas de terra a cada consumidor, pela compra dos "direitos" de uma ou mais árvores ou copropriedade de cabras ou ovelhas, recebendo alguns queijos como contrapartida.

Fonte: Adaptação de Tibério (2013)

São vários os exemplos de mercados de proximidade, entre as diferentes iniciativas, o projeto PROVE viria a tornar-se um caso de sucesso no escoamento da produção hortofrutícola de mais de cem pequenos agricultores, sensibilizando milhares de famílias para a problemática da produção agrícola sustentável, o impacto ambiental dos transportes de produtos agrícolas, os modelos de consumo responsáveis e o desenvolvimento das zonas rurais (Lopes, 2013). Neste projeto são constituídos núcleos de pequenos agricultores, que têm autonomia para decidir sobre o seu funcionamento e dimensão, de um produtor como é caso da Moita e Vilaça, a cinco agricultores (Sesimbra e Palmela), mas que partilham os mesmos princípios, dando a garantia a quem consome o cabaz PROVE de que está a comprar produtos hortofrutícolas frescos, produzidos localmente, com técnicas amigas do ambiente e respeitando as boas práticas agrícolas (Cavaco, 2013). Um projeto do mesmo tipo foi lançado pela Associação de Desenvolvimento do Dão, Lafões e Alto Paiva (ADDLAP), em S. Pedro do Sul, onde a COOPRAÍZES disponibiliza cabazes de produtos hortícolas e frutas provenientes de pequenos agricultores do concelho, resultantes do modo de produção biológico, de proteção integrada ou de sistemas de produção tradicionais (Cristóvão e Tibério, 2008).

Na Sertã, a iniciativa “Quintais nas praças de Pinhal” tem obtido um impacto bastante positivo, com os excedentes dos pequenos produtores a conseguirem ser escoados em boa parte, os produtores a pretenderem repetir a sua participação nos mercados e um número consistente de consumidores a frequentá-los. A adesão dos visitantes de proveniência mais distante também é um estímulo e um sinal do potencial turístico desta iniciativa (Cavaco, 2013). Em Março de 2012, iniciou-se o projeto “Da Nossa Terra”, envolvendo uma parceria entre a Câmara Municipal de Penafiel, a Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN) e a Cooperativa Agrícola de Penafiel visando a criação de uma rede para escoar, em circuito curto, os produtos hortofrutícolas produzidos pelos produtores agrícolas aderentes ao projeto. A iniciativa enquadrou-se num plano estratégico mais abrangente, iniciado em 2010, o projeto “Semear Penafiel”, o qual vai ser abordado mais a frente neste trabalho.

A primeira associação para a manutenção da agricultura de proximidade, a AMAP, surgiu em Outubro de 2012. Os princípios da AMAP são os seguintes: o produtor compromete-se a fornecer cestas de legumes ao grupo de participantes e a assegurar a transparência nos métodos de produção e nos preços. As cestas são distribuídas uma vez por semana no

mesmo lugar, num horário fixo determinado coletivamente. Por sua parte, os membros do grupo comprometem-se a pagar a parte da colheita que receberão a cada semana, comprometendo-se por uma temporada, de aproximadamente, 24 semanas (Buton, 2013).

De acordo com Firmino (2011), a sociedade tende a avançar para um comportamento mais ético, resultado de uma tomada de consciência global, que poderá assegurar a ainda lenta mas paulatina mudança de paradigmas, de que o visível desenvolvimento de mercados locais são testemunhas. Contudo, segundo Lopes (2013), o sucesso dos circuitos curtos agroalimentares, não depende apenas das iniciativas locais de agricultores e consumidores, mesmo que apoiados pelas equipas das ADL. Para além de se desenharem medidas e apoios ao investimento adequados, é necessário equacionar conjuntamente a evolução da legislação e regulamentação a nível fiscal, dos licenciamentos, da comercialização, da rotulagem, etc. salvaguardando a segurança alimentar, mas aplicando regras de proporcionalidade, e ativando as necessárias derrogações.

Contudo, segundo Saldanha (2013), atualmente existe um conjunto de restrições de diversa ordem que pode condicionar a expansão deste tipo de comércio. Atualmente os mercados de proximidade estão enquadrados na legislação do comércio a retalho não sedentário, que, em nosso entender, não se enquadra na especificidade da atividade agrícola nem com a tipologia dos seus participantes, uma vez que considera os agricultores como feirantes, prevê unicamente situações de exceção para “pequenos agricultores que não estejam constituídos como agentes económicos, que pretendam participar na feira para vender produtos da sua própria produção, por razões de subsistência devidamente comprovadas pela junta de freguesia da área de residência.” Tendo em conta que os mercados de proximidade devem ser efetuados principalmente por produtores e não por intermediários, faz sentido que seja dado o mesmo tratamento de exceção que é dado às mostras de artesanato. Outro fator limitativo relaciona-se com a higiene e segurança alimentar, que em muitos casos não está adaptada aos produtos de produção local e consumo em fresco (Saldanha, 2013).



## **2. Estudo do projeto “Semear Penafiel”**

### **2.1. Objetivos**

O projeto “Semear Penafiel”, aprovado pela Câmara Municipal, em maio de 2010, promove a produção agrícola em MPB, através de um conjunto de medidas de apoio que passam pela formação, certificação de terras e apoio técnico aos produtores que pretendam instalar-se ou converter o modo de produção convencional para o MPB.

Com este trabalho pretende-se estudar o projeto “Semear Penafiel”, caracterizando as explorações, a forma como os produtores organizam a produção e comercializam os seus produtos. Pretende-se ainda analisar o perfil dos produtores biológicos que integram o projeto “Semear Penafiel” e o perfil dos consumidores de produtos biológicos em Penafiel no sentido de identificar motivações e barreiras que permitam propor metodologias de intervenção para consolidar e expandir a atividade deste agrupamento de produtores biológicos. Propor metodologias que visem melhorar a promoção e implementação de novas formas de comercialização de circuito curto, entre produtores biológicos e consumidores, de modo a resolver os problemas de comercialização dos produtos locais e melhorar as relações de proximidade entre quem produz e quem consome.

### **2.2. Contextualização geográfica e caracterização económica do concelho de Penafiel**

O município de Penafiel ocupa uma área de 212,2 km<sup>2</sup> do interflúvio formado pelo Douro, Tâmega e Sousa, eixo de ligação entre o litoral e o interior transmontano. Tem solos essencialmente graníticos, ricos de águas e propícios para a exploração agrícola intensiva, nas últimas décadas valorizados também em função de uma importante indústria de extração de pedra. A sudoeste, as freguesias integram-se no complexo xisto-grauváquico, tornam-se mais extensas, com importantes parcelas de monte, outrora baldio pastoril, hoje florestado (Soeiro, 2013).

Com 38 freguesias e mais de 72 000 habitantes (338,4 hab./ km<sup>2</sup>), integra a Comunidade Urbana do Vale do Sousa, NUT III Tâmega, numa paisagem de terras fundas e úberes, onde tudo é verde, mais intenso nas áreas irrigadas de prados e campos rodeados por ramadas e nos novos vinhedos, mais apagado nas manchas florestadas com pinheiro e eucalipto. O povoamento mostra-se contínuo, denso mas disseminado, com muitas unidades de pequena indústria e comércio de permeio com novas residências e casas rurais,

campos mantidos com apego pelo trabalho a tempo parcial, pulsar também sentido na intensidade das migrações pendulares, no tráfego e na ocupação à margem das estradas. A indústria extrativa, a construção civil e o comércio e serviços empregam grande número de trabalhadores, bem como as empresas sedeadas nas modernas áreas industriais, só ultrapassado pelo dedicado ao comércio e serviços, confirmando a vocação terciária do município e sobretudo do seu centro urbano, durante dois séculos a única cidade do distrito para além do Porto (Soeiro, 2013).

Em 2009 o município de Penafiel apresentava um crescimento de cerca de 5%, devido ao aumento da população residente nas freguesias mais urbanas do município. A maioria da população inseria-se na faixa etária dos 25 aos 64 anos (51%), as faixas etárias dos 0 aos 14 anos e dos 15 aos 24 anos apresentaram decrescimentos (15% e 14% respetivamente), e a população com mais de 65 anos cresceu cerca de 27% acompanhando a tendência nacional de envelhecimento da população. As freguesias mais populosas eram Penafiel com 7883 habitantes, Paço de Sousa com 3998 habitantes e Rio de Moinhos com 2977 habitantes. Os indicadores sociais relativos aos índices de envelhecimento, dependência de jovens e dependência de idosos apresentavam valores em que se demonstra um envelhecimento da população a um ritmo moderado e um ligeiro potencial de rejuvenescimento da população. A nível económico, as taxas de emprego, atividade e desemprego apresentavam valores inferiores às médias nacionais, o que no caso da taxa de desemprego era positivo, apesar de o valor estar ainda um pouco distanciado da taxa de desemprego estrutural. A população ativa apresentava um elevado potencial de renovação com um índice de 238,3 o que sugere um dinamismo económico latente. Contudo, o nível de escolaridade não era muito elevado já que apenas 3,61% da população possuía o ensino superior completo, contrastando com os 8,57% da média Nacional. O município obtém uma taxa de atração de 3,8%, o que é superior à média regional mas, o facto de mais de um ¼ da população estudar ou trabalhar noutro município, evidência uma falta de aproveitamento do potencial instalado. Esta conclusão é evidenciada no índice de polarização de emprego onde apenas são assegurados 80% dos postos de trabalho dos ativos efetivamente empregados do município (CMP, 2009).

### **2.3. Metodologia**

O trabalho realizado decorreu em quatro fases e teve a colaboração da Câmara Municipal de Penafiel, da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, dos produtores

Biológicos que integram o Projeto “Semear Penafiel” e de consumidores de produtos biológicos de Penafiel.

A primeira fase correspondeu à recolha e análise de informação bibliográfica que permitiu analisar os trabalhos sobre as matérias a abordar. De seguida, numa segunda fase procedeu-se à análise do trabalho desenvolvido pela CMP durante o processo de implementação do “Projeto Semear Penafiel”, o que requereu a análise de documentos e o registo de testemunhos dos parceiros e intervenientes no projeto, nomeadamente a responsável pelo projeto, Dra. Susana Oliveira, vereadora da Câmara Municipal de Penafiel, Eng.º José Rocha, técnico da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN) e dos produtores biológicos. Ainda nesta fase, realizaram-se visitas às explorações agrícolas, que tiveram o objetivo de conhecer a organização de produtores e a realidade produtiva identificando desde logo alguns dos seus principais problemas, informar os agricultores sobre o trabalho a realizar e motivá-los a participar. Passou-se de seguida à terceira fase com a construção e realização de inquéritos para a caracterização dos produtores e consumidores biológicos de Penafiel.

A quarta fase incidiu na análise dos resultados dos inquéritos realizados e na apresentação de propostas para melhoria da atuação dos produtores do Projeto “Semear Penafiel”.

### **2.3.1. Inquéritos ao grupo de produtores do projeto “Semear Penafiel”**

Foi-me facultado pela Câmara Municipal de Penafiel um documento com o contacto dos produtores envolvidos, e após contacto prévio realizaram-se visitas a algumas explorações agrícolas. Nestas visitas foi-me possível contactar diretamente com os produtores, perceber quais as suas motivações e as maiores dificuldades que estavam a encontrar. Entre as dificuldades mais apontadas estavam, o escoamento de alguns produtos, a falta de fatores de produção biológicos, a falta de organização/planeamento entre produtores, que aliada às pequenas produções, aumentavam as dificuldades de escoamento. Da lista inicial de produtores fornecida pela Câmara Municipal de Penafiel, constavam 15 produtores. Após o primeiro contacto com os produtores a lista foi reduzida para 12 produtores, pois foram verificadas 3 desistências ainda não registadas na lista fornecida pela CMP.

Após uma revisão bibliográfica sobre o tema, recorrendo a algumas obras teóricas mais relevantes, elaborou-se um inquérito. Este foi dividido em diferentes componentes,

nomeadamente indicadores sociodemográficos, caracterização de explorações, caracterização produtiva e caracterização comercial.

Definido o inquérito, foi aplicado numa plataforma digital (Google Drive) e disseminado *online* via correio eletrónico pelos contactos pessoais dos produtores. Foram recolhidos no total 9 inquéritos (os restantes 3 produtores não se mostraram disponíveis para participar neste trabalho) que foram posteriormente submetidos a análise de dados.

As análises estatísticas de dados foram efetuadas com a aplicação de Microsoft Excel 2010 e pelas ferramentas estatísticas disponíveis na plataforma digital utilizada. Uma vez que o meio de difusão utilizado foi a internet, considera-se a amostra não-aleatória já que não é possível garantir que todo universo de possíveis inquiridos tem acesso à internet. O método quantitativo foi o método utilizado, baseado na aplicação dos inquéritos e da informação obtida através destes.

### **2.3. Inquéritos aos consumidores de produtos biológicos do Concelho de Penafiel**

Após pesquisa bibliográfica sobre o tema foi elaborado um inquérito dividido em diferentes componentes, nomeadamente indicadores sociodemográficos, indicadores socioeconómicos, motivação pela compra ou não de produtos biológicos, frequência de compra e local de compra. Do total de 41 consumidores que responderam ao inquérito, 17 afirmaram serem consumidores de produtos biológicos. As respostas destes 17 consumidores foram submetidas a análise.

As análises estatísticas de dados foram efetuadas com a aplicação de Microsoft Excel 2010 e pelas ferramentas estatísticas disponíveis na plataforma digital utilizada. Uma vez que o meio de difusão utilizado foi a internet, considera-se a amostra não-aleatória já que não é possível garantir que todo universo de possíveis inquiridos tem acesso à internet. A amostra é também considerada não-probabilística, pois não é possível assegurar que seja representativa de toda a população, não podemos determinar a sua dimensão, de modo a reduzir o erro, nem inferir o grau de confiança para os parâmetros da população que nos interessam. O método quantitativo foi o método utilizado, baseado na aplicação dos inquéritos e da informação obtida com a sua análise.

### **3. Resultados**

#### **3.1. Caracterização do projeto “Semear Penafiel”**

O programa “Semear Penafiel”, aprovado pela Câmara Municipal, em maio de 2010, promove a produção agrícola em MPB, através de um conjunto de medidas de apoio que passam pela formação, certificação de terras e apoio técnico aos produtores que pretendam instalar-se ou converter o modo de produção convencional para o MPB. O projeto englobou ainda a constituição de um “Banco Municipal de Terras” para instalação de agricultores em MPB, cedidas prioritariamente a desempregados ou a famílias de menores recursos, a criação da feira semanal de produtos biológicos “Aromas da Nossa Terra” e da marca “Bio Penafiel”.

O incentivo à produção agrícola em modo biológico e o combate ao abandono das terras agrícolas são os dois princípios básicos em que assenta o projeto "Semear Penafiel". A realidade atual de abandono das terras com potencial de utilização agrícola compromete um desenvolvimento sustentável e a eficácia de ações de prevenção de riscos e de intervenção em situações de emergência, designadamente a ocorrência de incêndios florestais e o retorno à terra poderá ser uma forma de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de alguns penafidelenses e diminuir, assim, a taxa de desemprego local, concedendo um apoio à dinamização da economia local (CM Penafiel, 2012). Os apoios concedidos ao abrigo do regulamento afeto ao projeto “Semear Penafiel” são os seguintes:

- Apoio à formação na área da agricultura biológica, em 50% do preço da inscrição, atribuído após a entrega de comprovativo da frequência do mesmo (o apoio é limitado até duas formações e com preço de inscrição até 50 euros);
- Pagamento dos custos com o apoio técnico às explorações, na área da agricultura biológica, desde que esse apoio seja previamente indicado ou autorizado pela Câmara Municipal.
- Apoio à certificação da unidade de produção, a realizar por organismo de controlo e certificação reconhecido, indicado pela Câmara Municipal, 100% do custo total da certificação, no primeiro ano, 50% do custo total da certificação, no segundo ano e 25% do custo total da certificação, no terceiro ano.
- No caso de terrenos afetos à formação prática financiada na área da agricultura biológica, terrenos esses que tenham sido cedidos pelo Município à entidade

formadora no âmbito dos protocolos relativos ao projeto “Semear Penafiel”, o Município assumirá a certificação dos terrenos a 100%.

Podem beneficiar dos apoios previstos neste regulamento os agricultores que explorem, ou se comprometam a explorar, em modo de produção biológico, uma área mínima de 0,5 ha (CMP, 2012).

O sucesso alcançado pelo projeto “Semear Penafiel”, verificado através da crescente adesão de novos produtores e dinamização da cidade, levou a Câmara Municipal a estender a sua intervenção à agricultura convencional, através do projeto “Da Nossa Terra”, em parceria com a DRAPN e a Cooperativa Agrícola de Penafiel. Entre os fatores de sucesso são destacados, a confiança dos agricultores e qualidade dos seus produtos, o envolvimento das entidades responsáveis, a comunicação e cooperação entre as diferentes instituições, produtores e consumidores, o esforço de reestruturação e reorganização da Cooperativa Agrícola de Penafiel e o empenho/dedicação de todos os intervenientes. A parceria com a Cooperativa materializou-se também na constituição de uma Secção BIO, onde já estão inscritos um número razoável de produtores biológicos. O sucesso do projeto “Da Nossa Terra” tem levado a um aumento do número de agricultores aderentes, à fixação de jovens com projetos de investimento de primeira instalação, à dinamização da área comercial da cooperativa e consequente otimização dos recursos humanos disponíveis e ainda à melhoria da capacidade empreendedora dos produtores e da própria cooperativa.

O programa “Semear Penafiel” englobou a constituição de um “Banco Municipal de Terras” para instalação de agricultores em MPB, cedidas prioritariamente a desempregados ou a famílias de menores recursos, a criação da feira semanal de produtos biológicos “Aromas da Nossa Terra” e da marca “Bio Penafiel”. Todos os sábados entre as 10 horas e as 14 horas, o centro da cidade ganhava uma nova vida com a realização de uma feira de produtos unicamente biológicos, sob o lema “Aromas da Nossa Terra” (Figura 6), feira esta que se encontra atualmente suspensa. A feira de produtos biológicos apresentava uma grande variedade de produtos, que iam das hortícolas (tomate, alface, couve, pimento, cebola, etc.) à fruta, sem esquecer as ervas aromáticas e condimentares ou o azeite. Este espaço, pretendia apoiar os agricultores de Penafiel, em MPB, apresentando ao público em geral os seus produtos. Apesar de esta feira exclusivamente de produtos biológicos estar suspensa, a cidade continua dinâmica no que diz respeito a mercados de proximidade. São disso exemplo, a Feira Agrícola e de Artesanato em Galegos que estreou a primeira edição

em Novembro de 2013 e a loja “Da Nossa Terra” que reúne num espaço comercial, o artesanato e os produtos locais do concelho de Penafiel.



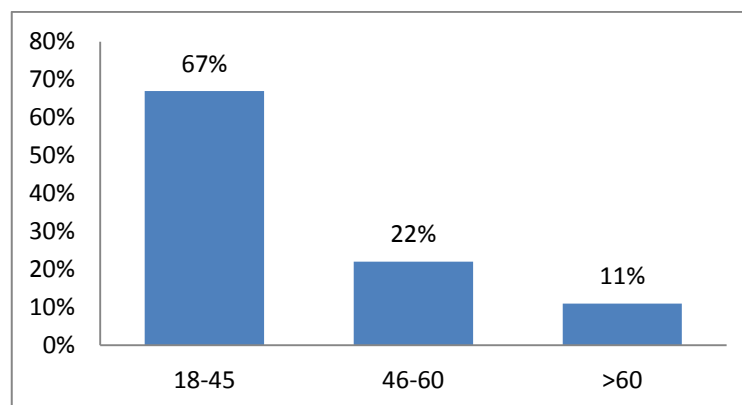
**Figura 6** - Cartaz promocional da feira "Aromas da Nossa Terra"

A estratégia de desenvolvimento para o futuro pretendida pela Câmara Municipal de Penafiel passa por alargar o leque de instituições e de agricultores aderentes à rede, o aumentar o Banco Municipal de Terras, desenvolver a secção de agricultura biológica da Cooperativa Agrícola de Penafiel e criação do núcleo PROVE BIO. A instalação de uma linha de lavagem, embalamento e etiquetagem de produtos, instalação de uma cozinha industrial para transformação de produtos, *franchisar* a marca “Da Nossa Terra” – abertura de lojas “Da Nossa Terra”, entrar nas grandes cadeias de distribuição e apostar na compostagem utilizando os resíduos dos hortofrutícolas produzidos pelas instituições (EM REDE, 2013).

### **3.2. Caracterização do grupo de produtores do projeto “Semear Penafiel”**

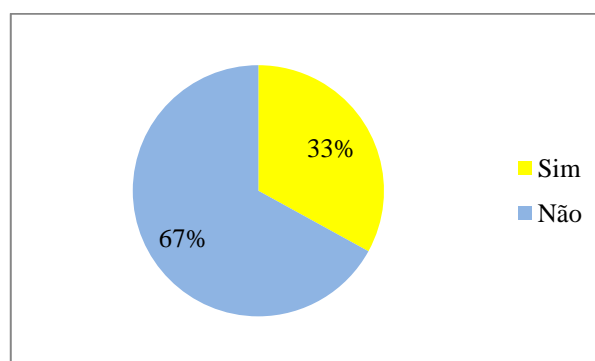
A caracterização do grupo de produtores foi dividida nas componentes sociodemográficas, caracterização de explorações, caracterização produtiva e caracterização comercial.

Na Figura 7, abaixo representada, pode-se verificar que o grupo de produtores biológicos aqui caracterizados é um grupo jovem, com 67% dos inquiridos com idades entre os 18-45 anos. Na faixa etária 46-60 anos estão 22% dos produtores e 11% na faixa >60 anos.



**Figura 7 – Idade dos produtores**

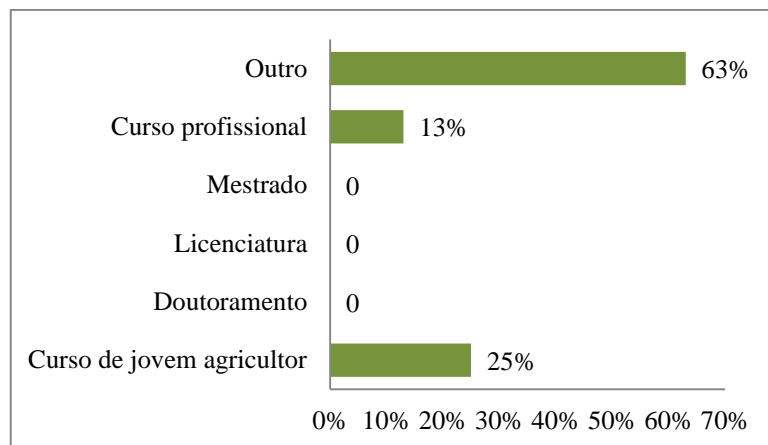
A maioria dos produtores inquiridos, 67%, não são produtores a tempo inteiro, concilia a atividade agrícola com outras atividades como a engenharia civil, enfermagem, engenharia informática, a docência e serviços de escritório. Apenas 33% são agricultores a tempo inteiro (Figura 8).



**Figura 8 – Percentagem de produtores a tempo inteiro**

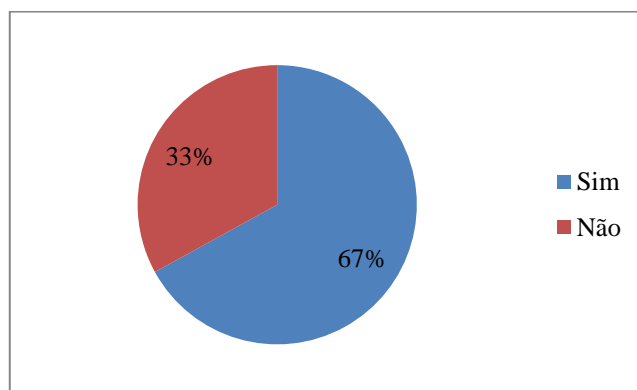
Analisando a Figura 9, podemos verificar que 25% dos produtores possui o *curso de jovem agricultor* e 13% possui *curso profissional*. Dos inquiridos, 63% possui outro tipo de formação agrícola, nomeadamente curso de gestão agrícola e cursos de agricultura biológica.





**Figura 9** – Escolaridade dos produtores e formação profissionais

Entre os produtores, 67% respondeu possuir formação específica em agricultura biológica (Figura 10). Esta formação tem por base cursos de agricultura biológica fornecidos por entidades como a Lipor, a Agrobio, a AJAP, Regibio e a Cooperativa Agrícola de Penafiel.



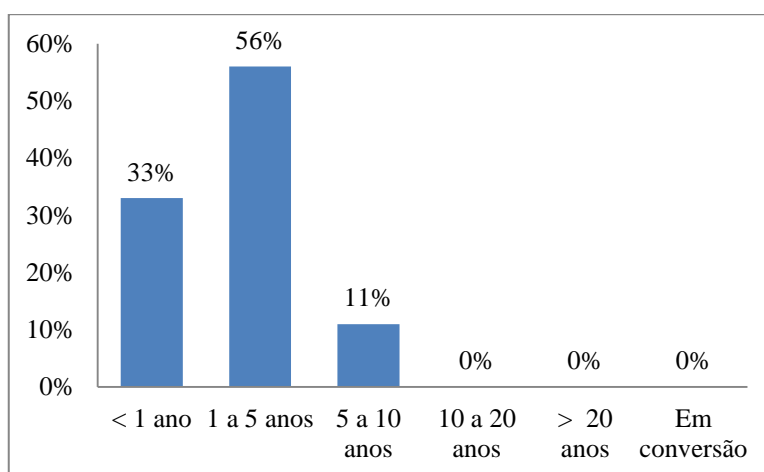
**Figura 10** - Formação específica em Agricultura Biológica

Os módulos mais lecionados nos cursos foram a *horticultura* com 66,6%, a *Fertilidade do Solo e Nutrição das Culturas* com 55,5% e a *Proteção das Culturas*, as *Plantas Aromáticas* e a *Fruticultura* com 44,4%. Menos abordadas nos cursos foram a *Viticultura* e a *Saúde e Bem-Estar Animal* com 22,2% e a *Pecuária Biológica*, o *Marketing* e *Outro* com 11,1% (Quadro 6).

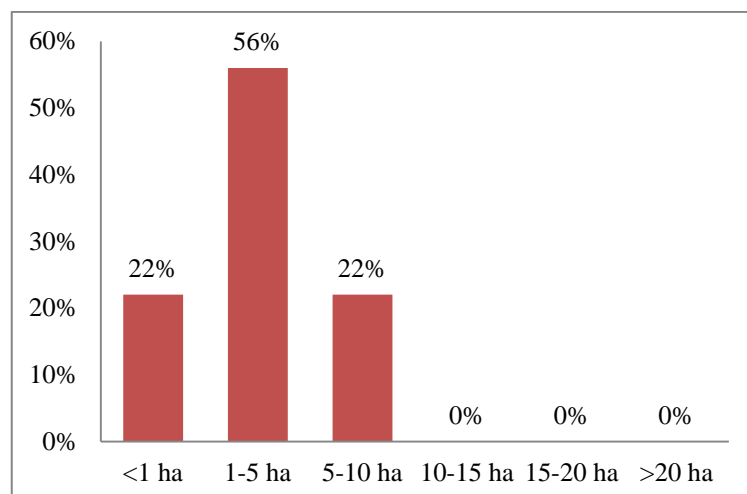
**Quadro 6 - Módulos lecionados nos cursos frequentados**

Módulos lecionados nos cursos	Respostas positivas	Frequência relativa
Horticultura	6	66,66%
Fruticultura	4	44,44%
Fertilidade do Solo e Nutrição das Culturas	5	55,55%
Pecuária Biológica	1	11,11%
Saúde e Bem-Estar Animal	2	22,22%
Plantas Aromáticas	4	44,44%
Viticultura	2	22,22%
Proteção das Culturas	4	44,44%
Marketing	1	11,11%
Outro	1	11,11%

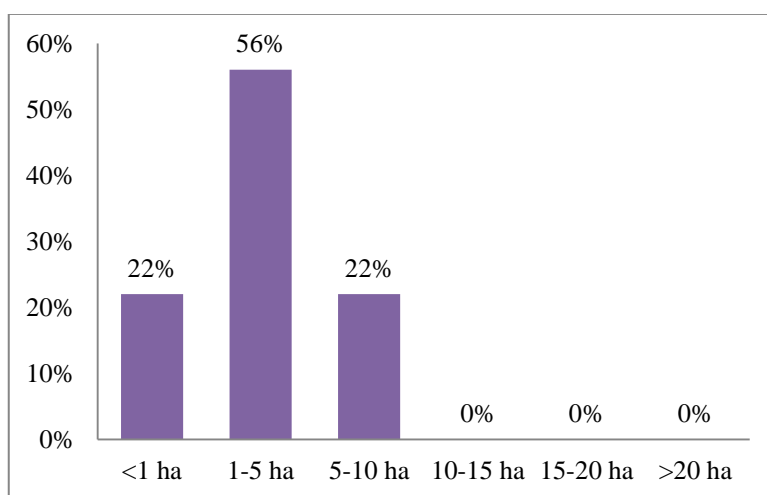
Através da visualização da Figura 11, verificamos que 56% dos produtores, tem certificação biológica há *1-5 anos* , 33% tem certificação à menos de *1 ano* e 11% estão certificados há *5- 10 anos*. As restantes faixas não estão representadas neste grupo de produtores.



**Figura 11 - Número de anos com certificação biológica**



**Figura 12 - Área total das explorações**



**Figura 13 - Área agrícola utilizável**

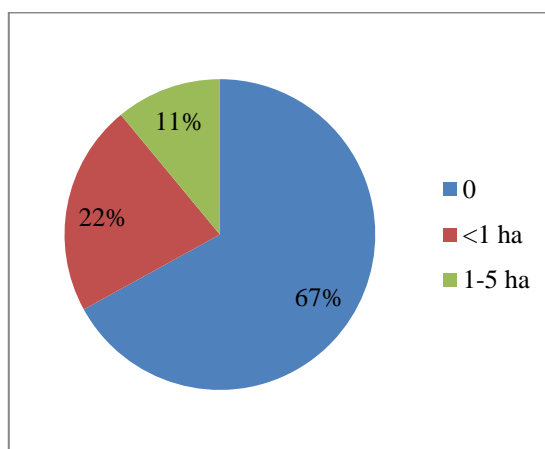
A maioria das explorações, 56%, tem *1-5 ha* de área total, 22% das explorações têm *<1 ha* e outros 22% *5-10 ha* (Figura 12). A área agrícola utilizável corresponde à área total das explorações (Figura 13).

Os bens mais produzidos são as *hortícolas*, são produzidas por 77,7% dos produtores, 66,6% produzem *aromáticas*, a *fruta* também é produzida por 66,6% dos produtores, 44,4% produzem *pastagens*, 22,2% produzem *aves*, *culturas arvenses* e *olival*, 11,1% produzem *vinha*, *ovinos* e *outro* (Quadro 7).

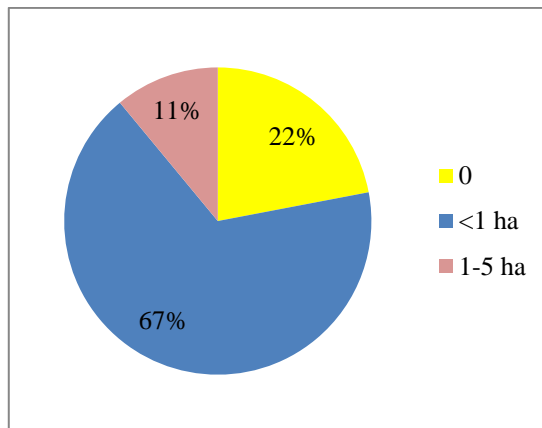
#### Quadro 7 - Tipo de bens produzidos

Bens produzidos	Respostas positivas	Frequência relativa
Hortícolas	7	77,77%
Fruta	6	66,66%
Arvense	2	22,22%
Olival	2	22,22%
Vinha	1	11,11%
Pastagem	4	44,44%
Ovinos	1	11,11%
Caprinos	0	0
Bovinos	0	0
Aves	2	22,22%
Aromáticas	6	66,66%
Outro	1	11,11%

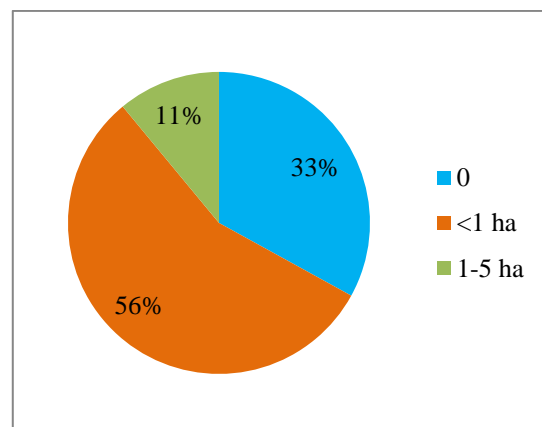
Como podemos verificar na Figura 14, a maioria dos produtores (67%) não produz cereais, 22% têm menos de 1 ha dedicado á produção de cereais e 11% cultivam 1-5 ha com cereais.



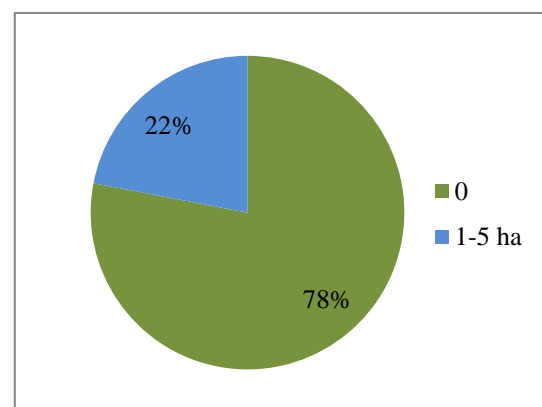
**Figura 14 - Área produtiva de cereais**



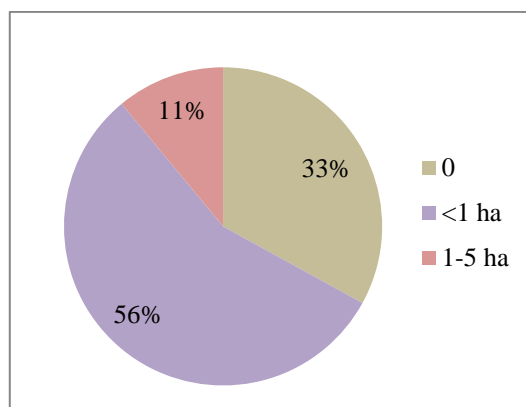
**Figura 15** - Área produtiva de hortícolas



**Figura 16** - Área produtiva de fruteiras



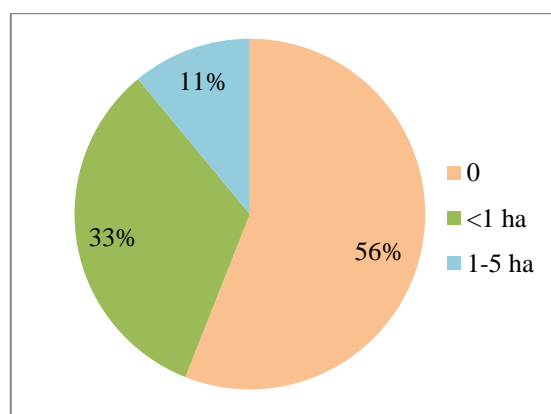
**Figura 17** - Área produtiva de vinha



**Figura 18** - Área produtiva de aromáticas

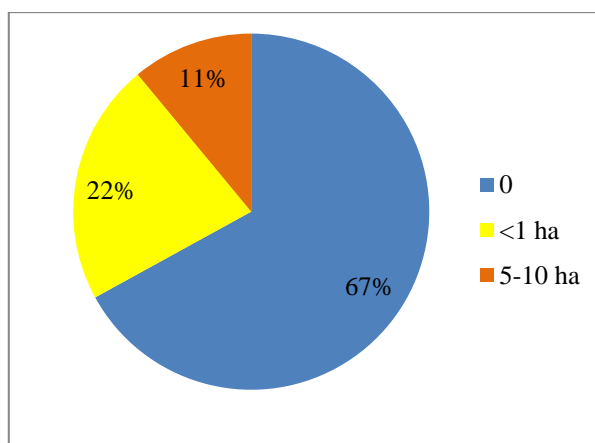
Analisando a Figura 15, verifica-se que 22% dos produtores não produzem hortícolas, 67% produz culturas hortícolas numa área inferior a 1 ha e 11% dos produtores produzem culturas hortícolas numa área de 1-5 ha. Relativamente à área produzida de fruteiras (Figura 16) 56% dos produtores produzem frutas numa área inferior a 1 ha, 11% dos produtores produzem frutas numa área de 1-5 ha e 33% dos produtores não produzem frutas. Na Figura 17, podemos verificar que 78% dos produtores não produzem vinha e que 22% produzem entre 1-5 ha. No caso das aromáticas (Figura 18), 56% dos produtores produzem menos de 1 ha, 11% destinam 1-5 ha para a produção de plantas aromáticas e 33% não produzem estas culturas.

As culturas forrageiras (incluindo pastagens anuais) são produzidas por 33% dos produtores numa área inferior a 1 ha, 11% produzem culturas forrageiras numa área de 1-5 ha e 56% não produzem estas culturas (Figura 19).



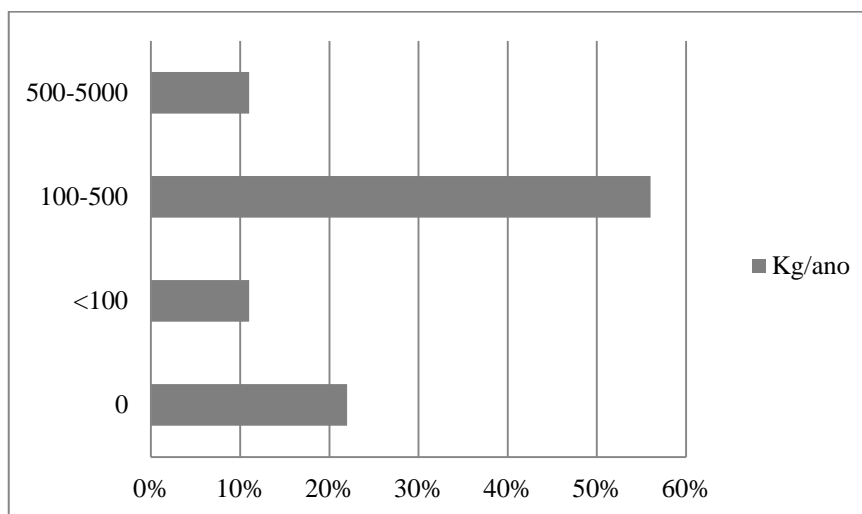
**Figura 19** - Área produtiva de culturas forrageiras (incluindo pastagens anuais)

Analisando a Figura 20 constatamos que 67% dos produtores não produzem culturas oleaginosas e leguminosas, 22% produzem uma área <1 ha e 11% produzem uma área de 5-10 ha.



**Figura 20** - Área produtiva de culturas oleaginosas e leguminosas

No que respeita às quantidades produzidas de hortícolas salienta-se que 56% dos produtores produzem entre 100 a 500 kg/ano e 22% não produzem hortícolas (Figura 21).



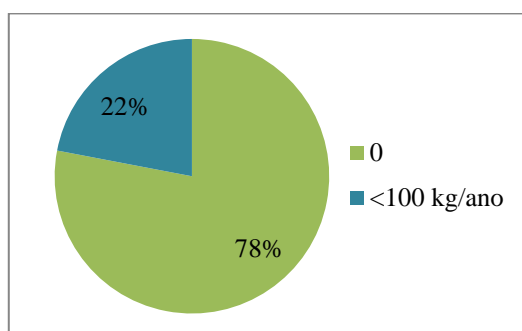
**Figura 21** - Quantidades aproximadas produzidas de hortícolas

Relativamente à produção de aves, como podemos verificar na Figura 22, 22% dos produtores produzem menos de 100 kg/ano, 78% não produzem aves.

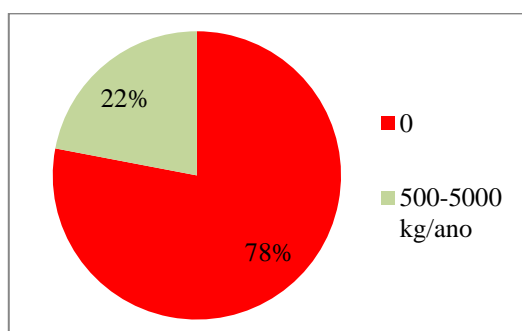
Analisando a Figura 23, verificamos que 22% dos produtores produzem 500-5000 kg/ano de uvas e que 78% não produzem.

Na Figura 24, podemos verificar que 11% dos produtores produzem menos de 100 kg/ano de azeitona, outros 11% produzem 500-5000 kg/ano e 78% não produz azeitona.

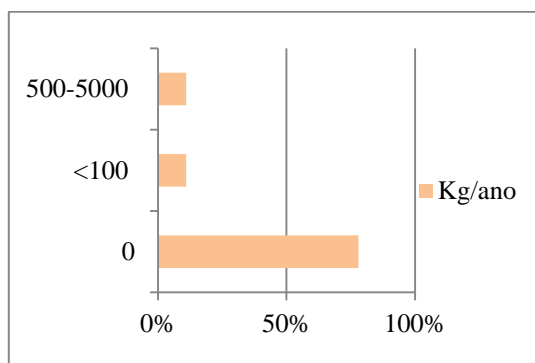
Relativamente ao apoio técnico nas diferentes áreas da produção biológica, verificou-se que 44% dos produtores afirmaram ter apoio técnico regular. Para 50% dos produtores, com apoio técnico regular, este é prestado *várias vezes por ano*. Para 25% dos produtores, o apoio técnico é muito pontual, sendo realizado apenas *uma vez no ano* e para os restantes 25% dos produtores têm apoio técnico *menos de uma vez por ano* (Figura 25).



**Figura 22** - Quantidades aproximadas produzidas de aves

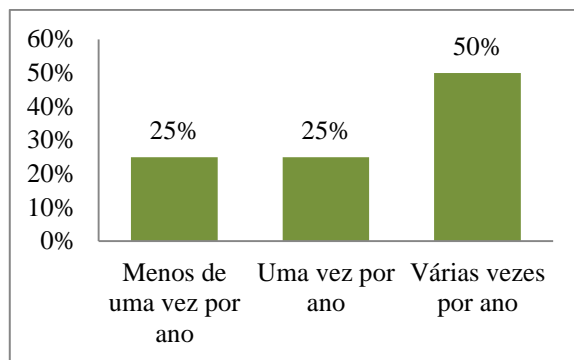


**Figura 23** - Quantidades aproximadas produzidas de uvas

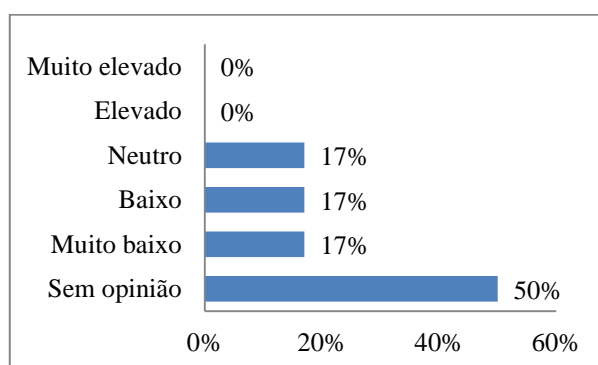


**Figura 24** - Quantidades aproximadas produzidas de azeitonas

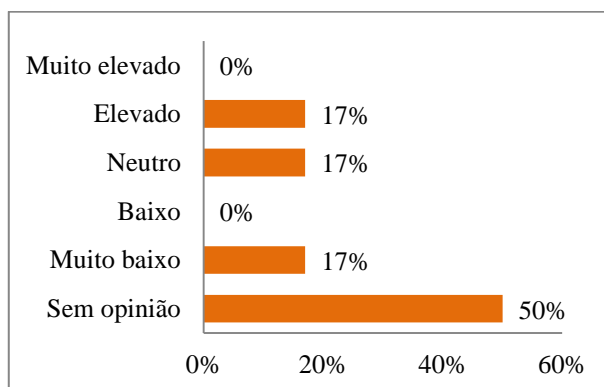




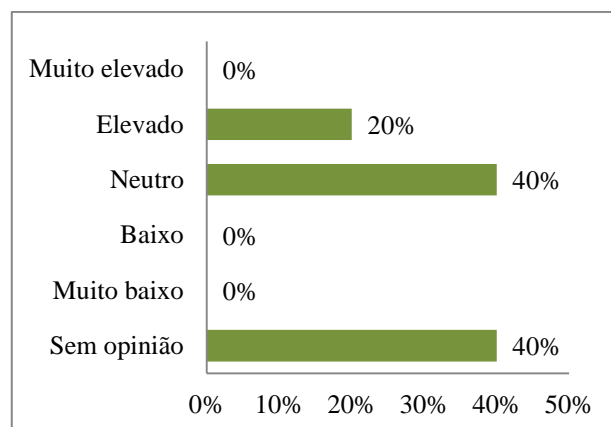
**Figura 25** - Frequência do apoio técnico



**Figura 26** - Classificação do apoio prestado pelas organizações de produtores



**Figura 27** - Classificação do apoio prestado pelos serviços oficiais



**Figura 28** - Classificação do apoio prestado pelas entidades privadas

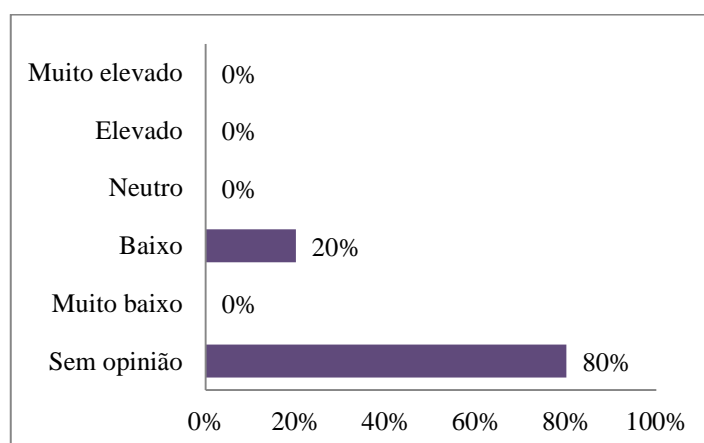
No que respeita ao apoio técnico prestado por parte das organizações de produtores (Figura 26), 50% dos produtores não têm opinião formada, 17% considera-o *muito baixo*, 17% considera-o *baixo* e outros 17% consideram-no *neutro*.

Quanto ao apoio prestado pelos serviços oficiais (Figura 27) 50% dos produtores inquiridos *não têm opinião*, 17% considera este tipo de apoio *muito baixo*, 17% *neutro* e 17% considera-o *elevado*.

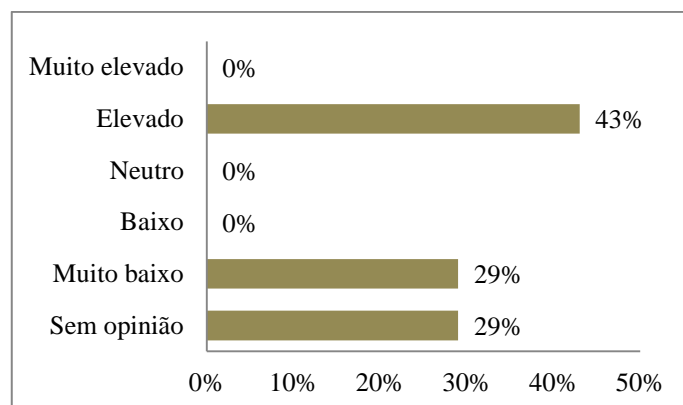
O apoio prestado pelas entidades privadas (Figura 28), é considerado por 20% dos produtores como *elevado*, 40% consideram-no *neutro* e 40% não tem opinião formada.

Relativamente à classificação do apoio prestado pela indústria (Figura 29), 80% dos produtores não têm *opinião* e 20% considera este apoio *baixo*.

O apoio prestado pelos colegas, é considerado por 43% dos produtores como *elevado*, 29% *não tem opinião* e 29% considera-o *muito baixo* (Figura 30).



**Figura 29** - Classificação do apoio prestado pela indústria



**Figura 30** - Classificação do apoio prestado pelos colegas

Os principais meios pessoais utilizados pelos produtores para obter informações são (Quadro 8): as *visitas a explorações* com 77,7%, *seminários* e *entidades de certificação* cada um com 55,5%, *encontros regulares* e *apoio técnico privado* cada um com 33,3% e *outro* com 11,1%.

**Quadro 8** - Principais meios pessoais utilizados para obter informações

Meios pessoais utilizados	Respostas positivas	Frequência relativa
Visitas a explorações	7	77,77%
Encontros regulares	3	33,33%
Seminários	5	55,55%
Entidades de certificação	5	55,55%
Apoio técnico privado	3	33,33%
Outro	1	11,11%

Analisando o Quadro 9, verificamos que o meio mais utilizado para obter informações de modo impessoal é a *internet* com 100% de utilização por parte dos produtores. As *revistas técnicas* surgem em segundo lugar com 55,5%, seguido dos *livros* com 33,3% e por último os *jornais* com 11,1%.

**Quadro 9 - Principais meios impessoais utilizados para obter informações**

Meios impessoais utilizados	Respostas positivas	Frequência relativa
Revistas técnicas	5	55,55%
Internet	9	100%
Jornais	1	11,11%
Livros	3	33,33%
Tv	0	0%
Outro	0	0%

Os locais de venda mais utilizados são os *mercados e feiras* com 44,4%. Seguem-se as *lojas de produtos biológicos* com 33,3%, as vendas *diretamente na exploração* com 22,2% e *outro* também com 22,2% (Quadro 10).

**Quadro 10 - Locais de venda dos produtos**

Locais de venda	Respostas positivas	Frequência relativa
Diretamente na exploração	2	22,22%
Mercados e feiras	4	44,44%
Lojas de produtos biológicos	3	33,33%
Hipermercados	0	0%
Exportação	0	0%
Outro	2	22,22%

No Quadro 11, podemos verificar que os principais clientes são *privados e comerciantes*, cada um com 44,4%. Os *distribuidores* surgem a seguir com 11,1%.

**Quadro 11 - Principais clientes**

Principais clientes	Respostas positivas	Frequência relativa
Privados	4	44,44%
Restauração	0	0%
Comerciantes	4	44,44%
Distribuidores	1	11,11%
Outro	0	0%

Relativamente aos problemas de escoamento dos produtos os produtores encontram-se divididos uma vez que 50% afirmam ter problemas de escoamento e outros 50% afirmam que não têm este tipo de problema. Analisando o Quadro 12, verificamos que os produtos

com maiores problemas de escoamento são as *hortícolas* (44,4% dos produtores). Os *ovinos*, as *aromáticas* e a *fruta* surgem, a seguir com 11,1% cada.

**Quadro 12** - Produtos com maiores problemas de escoamento

Produtos	Respostas positivas	Frequência relativa
Hortícolas	4	44,44%
Fruta	1	11,11%
Aromáticas	1	11,11%
Ovinos	1	11,11%

Quanto às principais causas para a dificuldade de escoamento dos produtos (Quadro 13), 44,4% dos produtores indicam que a *distribuição* é a principal causa. Os problemas com a *conservação dos produtos* é indicada por 33,3% como o segundo maior problema associado às dificuldades de escoamento dos produtos. O *armazenamento* e *embalagem/rotulagem* são referidos por 22,2% dos produtores como causas das dificuldades de escoamento. Outro tipo de causas da dificuldade de escoamento é apontado por 11,1%.

**Quadro 13** - Principais causas para as dificuldades de escoamento dos produtos

Principais fatores	Respostas positivas	Frequência relativa
Armazenamento	2	22,22%
Conservação	3	33,33%
Embalagem/Rotulagem	2	22,22%
Distribuição	4	44,44%
Outro	1	11,11%

Constatou-se que 67% dos produtores são sócios de uma cooperativa e quando questionados se consideravam associar-se a outros produtores, 80% respondeu que *sim* e 20% que *não*.

Dos produtores do grupo “Semear Penafiel”, 66,6%, referem que o *escoamento* e a *comercialização* são os serviços que gostavam de ver prestados. A *distribuição* foi referida por 55,5%. A necessidade de prestação de serviços na área do *armazenamento/acondicionamento* e *divulgação* foi referida por 33,3% dos produtores (Quadro 14).

**Quadro 14** - Serviços que gostava de ver prestado

Serviços	Respostas positivas	Frequência relativa
Divulgação	3	33,33%
Armazenamento/Acondicionamento	3	33,33%
Distribuição	5	55,55%
Comercialização	6	66,66%
Escoamento	6	66,66%
Outro	0	0%

Relativamente a outros serviços que os produtores gostariam de obter, os mais escolhidos foram a *publicidade, promoção e divulgação* com 44,4% cada. A *informação e formação* surgem a seguir com 33,3% respetivamente. Por último surge a *legislação* com 11,1% (Quadro 15).

**Quadro 15** - Outros serviços que gostava de obter

Outros serviços	Respostas positivas	Frequência relativa
Informação	3	33,33
Legislação	1	11,11
Formação	3	33,33
Publicidade	4	44,44
Promoção	4	44,44
Divulgação	4	44,44

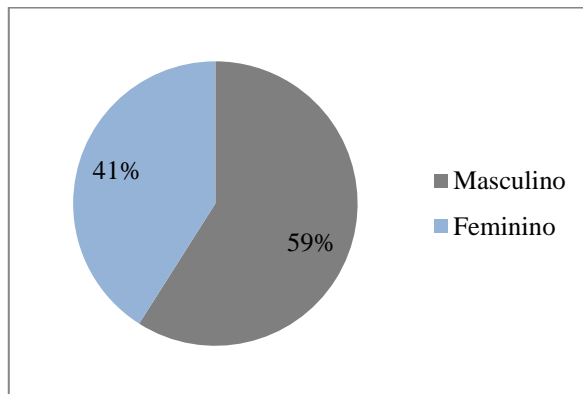
Quando questionados se encontravam vantagens no associativismo, 100% dos produtores responderam afirmativamente.

### **3.3. Caracterização dos consumidores de produtos biológicos do Concelho de Penafiel**

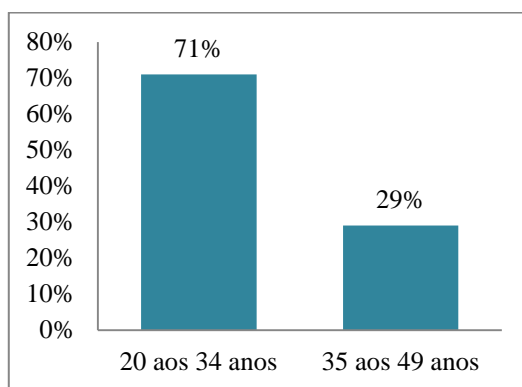
Do total de 41 consumidores que responderam ao inquérito elaborado, 17 afirmaram serem consumidores de produtos biológicos. Seguidamente apresentam-se e analisam-se os resultados dos inquéritos destes 17 consumidores do concelho de Penafiel.

A distribuição do número de consumidores de produtos biológicos em Penafiel, de acordo com o género, apresenta-se na Figura 31, sendo possível verificar que a percentagem de consumidores do sexo masculino é ligeiramente superior (59%) à percentagem dos consumidores do sexo feminino (41%).

Na Figura 32, podemos verificar que os inquiridos se distribuíram apenas por dois grupos etários. A predominância pertence ao grupo etário dos *20 aos 34 anos* com 71%, representando o grupo dos *35 aos 49 anos* 29% da amostra.

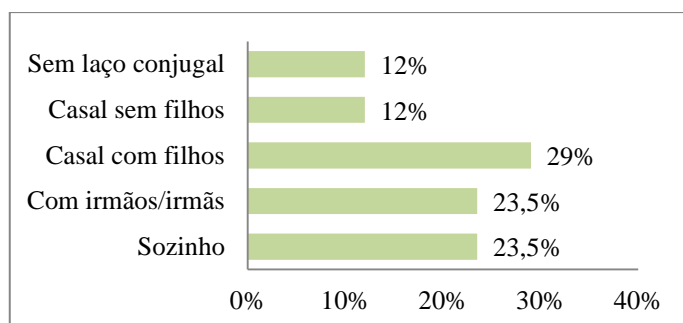


**Figura 31** – Género (Feminino/Masculino)

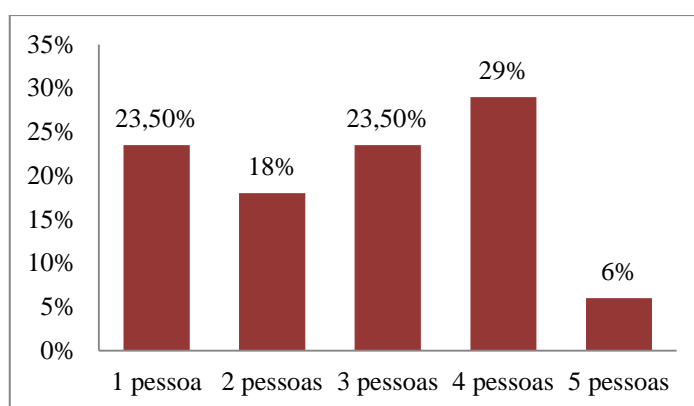


**Figura 32** – Idade dos consumidores

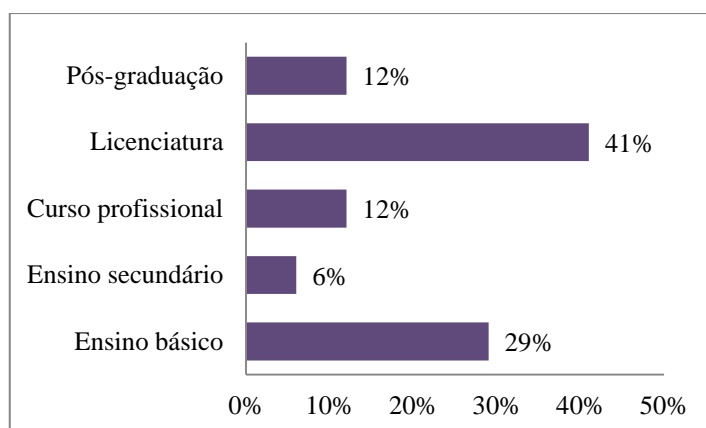
Analisando a Figura 33, podemos verificar que relativamente à constituição do agregado familiar, a maior percentagem pertence à classe *casal com filhos*, com 29%. As classes *sozinho* e *com irmãos/irmãs* representam cada um, 23,5% da amostra, enquanto as classes *sem laço conjugal* e *casal com filhos* representam cada um 12% da amostra.



**Figura 33 - Constituição do agregado familiar**



**Figura 34 - Elementos do agregado familiar**



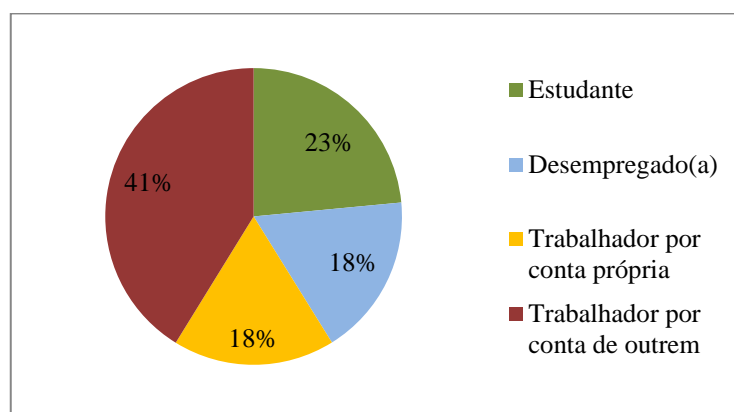
**Figura 35 - Habilitações literárias dos consumidores**

Na Figura 34, podemos verificar que os agregados familiares com 4 pessoas são os que têm maior percentagem (29%). Os agregados compostos por 1 e 3 pessoas cada um representa 23,5% da amostra. Os agregados com 2 pessoas representam 18% e os agregados com 5 pessoas representam 6% da amostra.



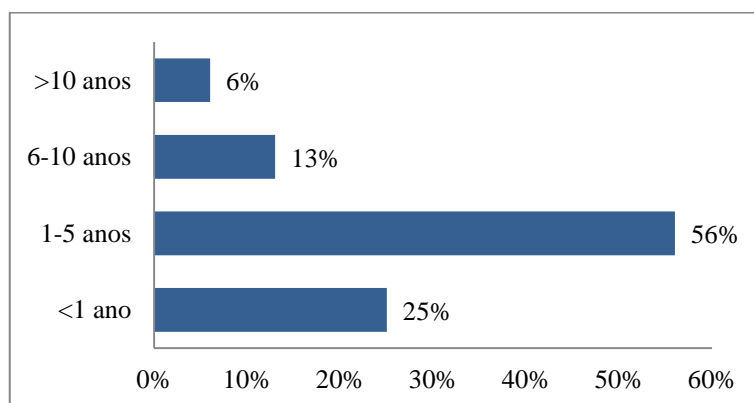
No que diz respeito às habilitações literárias (Figura 35), 41% da amostra possui uma *Licenciatura*, 29% conclui o *Ensino básico*, 6% possui um *Curso profissional*, 12% possui uma *Pós-graduação* e 6% conclui o *Ensino secundário*.

Analisando a Figura 36, podemos verificar que 41% dos consumidores biológicos tem uma situação profissional de *trabalhador por conta de outrem*. Seguidamente surgem os *estudantes* com 23%. Os *desempregados* e os *trabalhadores por conta própria* surgem a seguir com 18% respetivamente.



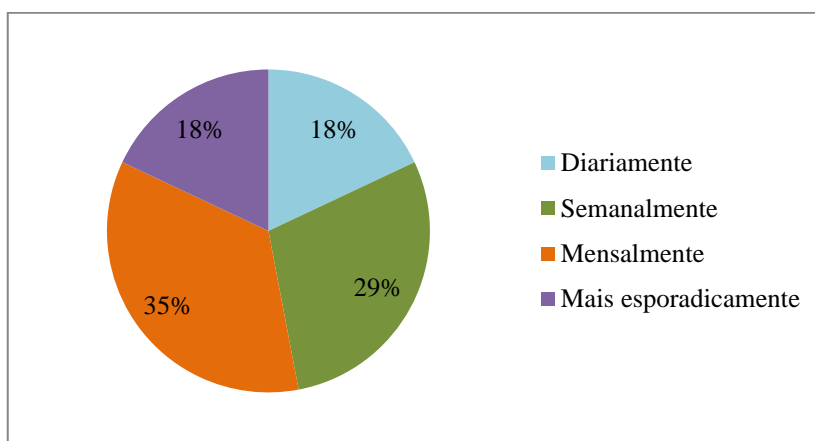
**Figura 36** - Situação profissional dos consumidores de produtos biológicos

Analisando a Figura 37, verificamos que para 56% dos inquiridos, o consumo de produtos biológicos é um hábito relativamente recente (consumo há *1-5 anos*). Para 25% dos produtores, o consumo de produtos biológicos iniciou-se há menos de *1 ano*. Os consumidores que têm estes hábitos há *6-10 anos* representam 13% da amostra. Apenas 6% dos inquiridos consomem produtos biológicos há mais de *10anos*.



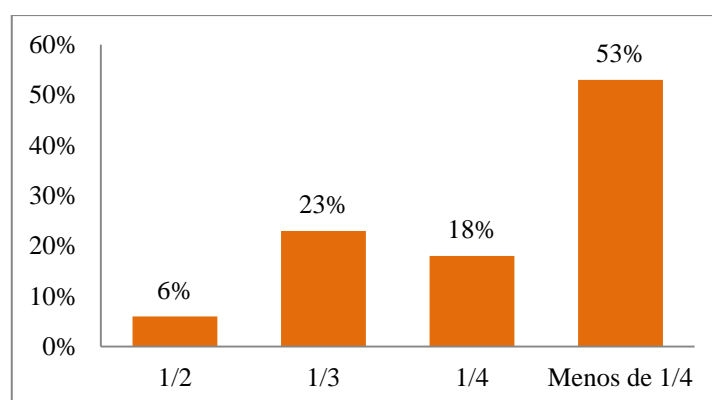
**Figura 37** – Consumidor de produtos biológicos /nº de anos de consumo

No que diz respeito à frequência de consumo (Figura 38), 35% dos consumidores inquiridos fazem as suas compras de produtos biológicos *mensalmente*, 29% *semanalmente*, 18% *diariamente* e 18% são consumidores ocasionais que se inserem a classe mais *esporadicamente*.



**Figura 38 - Frequência de consumo**

Quando questionados sobre o orçamento que disponibilizavam para aquisição de produtos de agricultura biológica grande parte dos consumidores (53%) disponibiliza *menos de 1/4* do seu orçamento para alimentação. Do orçamento disponível, 23% dos consumidores disponibiliza *1/3* para os produtos biológicos, 18% disponibiliza *1/4* e 6% , *1/6* (Figura 39).



**Figura 39 - Orçamento disponibilizado para aquisição de produtos biológicos**

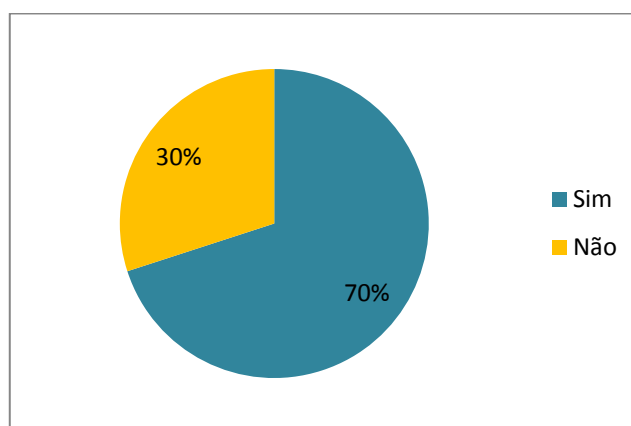
Relativamente aos locais de compra dos produtos biológicos, podemos verificar o Quadro 16, que a compra *diretamente ao produtor* e os *mercados locais* foram os mais

referenciados com 64,7% e 70,58%, respetivamente. Os *hipermercados* representam 35,29% das respostas, as *feiras* 23,52%, as *lojas especializadas* 17,64% e os supermercados 5,88%. Nenhum consumidor adquire os produtos na forma de *cabazes entregues ao domicílio*.

**Quadro 16** - Locais de compra dos alimentos biológicos

Locais de compra	Respostas positivas	Frequência relativa
Hipermercados	6	35,29%
Diretamente ao produtor	11	64,70%
Supermercado	1	5,88%
Lojas especializadas	3	17,64%
Mercados locais	12	70,58%
Feiras	4	23,52%
Cabazes entregues ao domicílio	0	0%

Quando questionados sobre se tinham conhecimento da existência de um grupo de produtores biológicos em Penafiel, 82% dos inquiridos respondeu afirmativamente. Como podemos verificar na Figura 40, 70% dos consumidores costumam fazer as suas compras de produtos biológicos no concelho de Penafiel.



**Figura 40** - Costume de comprar os produtos biológicos em Penafiel

No Quadro 17, verifica-se que a maioria dos consumidores (88,23%) considera que o seu motivo principal para o consumo de alimentos biológicos é serem *mais saudáveis*. A *proteção de gerações futuras* também tem grande influência na decisão de compra para a

maioria dos consumidores (70,58%), assim como o *melhor sabor* (58,82%). A aparência dos produtos, *melhor aparência*, é indiferente para 64,70% dos inquiridos.

**Quadro 17** - Motivos para o consumo de alimentos biológicos

Motivos	Indiferente	Importante	Muito importante
Alimentos mais saudáveis	0	11,76%	88,23%
Melhor sabor	0	41,17%	58,82%
Melhor aparência	64,70%	11,76%	23,53%
Não agredem o ambiente	11,76%	29,41%	52,94%
Duram mais tempo	17,64%	58,82%	23,53%
Protegem gerações futuras	17,64%	11,76%	70,58%
Previnem a erosão dos solos	17,64%	41,17%	41,17%

Através do Quadro 18, verificamos que para a grande maioria (94,12%) dos inquiridos concorda que os *alimentos biológicos são mais saudáveis que os alimentos convencionais*. A grande maioria (88,24%) concorda também que *o modo de produção biológico tem preocupação com o bem-estar animal*, 64,71% concorda que os *produtos biológicos têm um paladar mais intenso* e 58,82% concorda que *a agricultura biológica não é poluente*. Relativamente à possibilidade de *os alimentos biológicos também serem contaminados por pesticidas*, 70,59% discorda desta afirmação. Sobre o preço dos alimentos, 64,71% dos inquiridos discordam que *os alimentos biológicos têm o mesmo preço que os convencionais*.

**Quadro 18** - Opinião sobre diferentes afirmações relacionadas com as diferenças entre a agricultura biológica e a convencional

Opinião	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo
Os alimentos biológicos também são contaminados por pesticidas	11,74%	17,65%	70,59%
Os alimentos biológicos são mais saudáveis que os convencionais	94,12%	5,88%	0%
O MPB tem preocupação com o bem-estar animal	88,24%	11,74%	0%
A agricultura biológica não é poluente	58,82%	29,41%	5,88%
Os alimentos biológicos têm o mesmo preço que os convencionais	5,88%	23,53%	64,71%
A maioria dos produtos biológicos são de origem nacional	29,41%	52,94%	17,65%
Os produtos biológicos têm um paladar mais intenso	64,71%	23,53%	5,88%

No que respeita aos produtos consumidos (Quadro 19), verificou-se que os inquiridos optam por consumir na sua maioria *hortícolas, leguminosas, frutas, ovos, mel, compotas e marmeladas* de origem biológica.

Os produtos de origem convencional, como o *leite/lacticínios, as carnes, os derivados de carne, o vinho, os sumos, os cereais, as massas, o pão, os molhos e especiarias, o café, os cogumelos, os óleos/azeite, os alimentos congelados e outros*, são na sua maioria mais requisitados que os de origem biológica.

No quadro 20, podemos verificar que, na opinião dos consumidores de produtos biológicos, os fatores limitadores no mercado/consumo dos produtos biológicos em Penafiel são a *dificuldade de encontrar uma maior variedade de alimentos, a falta de conhecimento da população, a pouca procura por parte dos consumidores e o custo dos alimentos*.

**Quadro 19** - Consumo de alimentos de agricultura biológica versus agricultura convencional

Produtos	AB	AC
Leite e lacticínios	6,25%	93,75%
Carnes	41,17%	58,83%
Derivados de carne	6,67%	93,33%
Hortícolas e leguminosas	100%	0%
Frutas	94,12%	5,88%
Vinho	26,67%	73,33%
Sumos	0%	100%
Cereais	17,64%	82,36%
Massas	0%	100%
Pão	6,25%	93,75%
Molhos, especiarias e sal	18,75%	81,25%
Café	0%	100%
Compotas e marmeladas	52,94%	47,06%
Mel	56,25%	43,75%
Cogumelos	13,33%	86,67%
Óleos e azeite	29,41%	70,59%
Alimentos congelados	0%	100%
Ovos	64,71%	35,29%
Outros	18,18%	81,82%

**Quadro 20** - Fatores limitadores no mercado/consumo dos produtos de AB em Penafiel

Obstáculos/Constrangimentos	Sim	Não
Falta de conhecimento da população	88,24%	11,76%
Custo dos alimentos	76,47%	23,53%
Falta de qualidade dos alimentos	17,65%	82,35%
Agricultores sem conhecimento	52,94%	47,06%
Falta de divulgação	88,24%	11,76%
Dificuldades de encontrar uma maior variedade de alimentos	93,75%	6,25%
Pouca procura por parte dos consumidores	88,24%	11,76%

À questão colocada sobre a quem cabe a responsabilidade da promoção dos alimentos provenientes de agricultura biológica (Quadro 21), a maioria referiu o *Ministério da Agricultura*, os *produtores* e as *associações do sector* como sendo os principais responsáveis.

**Quadro 21** - Identificação da responsabilidade na promoção dos alimentos de AB

Responsáveis pela promoção da AB	Respostas positivas	Frequência relativa
Ministério da Agricultura	9	60%
Associações do sector	8	53,33%
Grandes superfícies	5	33,33%
União Europeia	5	33,33%
Produtores	9	60%
Sociedade	7	46,67%
Autarquias	6	40%

Aos consumidores que responderam não serem consumidores de produtos biológicos, foi perguntado quais as razões para não consumirem este tipo de produtos. Analisando o Quadro 22, podemos verificar que o principal motivo para o não consumo de alimentos de agricultura biológica se prende com o *preço dos alimentos* (53,66% das respostas). Seguem-se as *dificuldades de encontrar estes alimentos* (31,71%), a *pouca opção de escolha* (5,63%). Dos inquiridos, apenas 2,43% responderam que desconheciam a existência destes alimentos.

**Quadro 22** - Motivos pelos quais não consomem alimentos de agricultura biológica

<b>Motivos</b>	<b>Respostas positivas</b>	<b>Frequência relativa</b>
Preço dos alimentos	22	53,66%
Desconheço a existência destes alimentos	1	2,43%
Não acredito nestes alimentos	0	0%
Dificuldade de encontrar estes alimentos	13	31,71%
Pouca opção de escolha	4	5,63%
Outro	0	0%

#### **4. Discussão e Conclusão**

Após análise dos inquéritos verificou-se que estamos perante um grupo de produtores jovens, predominando a faixa etária dos 18 aos 45 anos. Verificou-se também que a maioria não é agricultor a tempo inteiro, tendo formações académicas e profissões bastante diversas como a enfermagem, a engenharia civil, a docência, engenharia informática e trabalho de escritório.

No que respeita à formação agrícola verificou-se que não existem produtores com formação académica superior, mas a maioria apresenta formação específica em agricultura biológica. Esta formação tem por base cursos de agricultura biológica fornecidos por entidades como a Lipor, a Agrobio, a AJAP, Regibio e a Cooperativa Agrícola de Penafiel.

No que concerne à caracterização das explorações, verificou-se que as áreas agrícolas utilizáveis coincidem com as áreas totais das explorações, maioritariamente com áreas de 1-5 hectares. A maioria dos produtores têm certificação biológica há 1 a 5 anos.

Na componente produtiva verificou-se que as hortícolas, fruteiras e aromáticas dominam as produções do grupo, com áreas de produção maioritariamente abaixo de 1 hectare. Relativamente ao apoio técnico a maioria dos produtores afirma ter apoio técnico várias vezes por ano. A forma predominante de apoio técnico às explorações dos agricultores do projeto “Semear Penafiel” é realizada por empresas privadas e pelos colegas produtores. Para obterem informações os meios mais utilizados pelos produtores são a realização de visitas a explorações, participação em seminários, visita de entidades de certificação, consulta de revistas técnicas e pela internet.

Grande parte dos produtores são sócios de uma cooperativa, veem com bons olhos associarem-se a outros produtores e todos consideram o associativismo vantajoso. Entre os serviços que prioritariamente gostavam de ver prestados estão a comercialização, o escoamento, a divulgação, a promoção e a distribuição. Os principais locais de venda são as feiras e mercados, as lojas de produtos biológicos e diretamente nas explorações, onde os principais clientes são privados e comerciantes. Nesta forma de comercialização, cada agricultor pode diversificar a sua produção, o que lhes permite reduzir o risco em termos de produção e além disso promover a biodiversidade. Consumir local e consumir produtos da época, deve ser cada vez mais o lema que se deve passar ao consumidor, pois só assim se pode promover cada vez mais a economia local. A possibilidade de agregar a produção agrícola com outros fatores económicos, como o turismo rural, o turismo agrícola, a



restauração ou a transformação, são outras possibilidades que muitas explorações agrícolas biológicas têm usado, no sentido de rentabilizar todos os seus recursos (Gomes, 2013). Geograficamente foram apontados pontos de venda principalmente na zona do Porto e Braga.

A falta de organização/planeamento da produção e as pequenas quantidades produzidas foram algumas das dificuldades apontadas pelo grupo. Verifica-se uma dificuldade interna no grupo relacionada com a organização e gestão de produtos, acontecendo regularmente haver pouca variedade de produtos. O planeamento de produções, a previsão de produtividades e a organização de vendas seriam medidas de grande importância a ser implementadas no grupo. Estas medidas permitiriam não só a oferta de uma maior diversidade de produtos assim como uma maior satisfação dos gostos dos consumidores. Apesar da disponibilidade apresentada pela Direção Regional de Agricultura para o prestação de apoio técnico, constatou-se que os produtores deste agrupamento não solicitam este apoio com muita frequência.

Quanto a problemas de escoamento o grupo encontra-se dividido. Os produtos com maior dificuldade de escoamento são as hortícolas. Os principais fatores apontados para as dificuldades encontradas com o escoamento, estão relacionados com a distribuição dos produtos e com a sua conservação. Devido à falta de câmaras de arrefecimento e conservação, os produtos são colhidos no dia anterior ou no próprio dia da venda, o que poderá afetar a qualidade dos mesmos e/ou causar constrangimentos logísticos. Este é um problema recorrente dos produtores biológicos.

Como medida de ultrapassar os problemas de escoamento, foi recentemente criada uma parceria com a Cooperativa de Penafiel que se materializou na constituição de uma *Secção BIO*, onde já estão inscritos um número razoável de produtores. Esta nova parceria é uma das medidas que julgamos poder ir de encontro aos problemas de comercialização apontados por alguns produtores do projecto “Semear Penafiel”.

Gomes (2013) destaca que o poder local tem um papel muito importante para estes agricultores, referindo que, se localmente forem proporcionadas as condições que permitam os agricultores locais terem um espaço de venda junto do consumidor, se pode promover o consumo local. Promover um maior número de iniciativas que promovam a proximidade entre produtores e consumidores poderá permitir ultrapassar a dificuldade de comercialização, também identificada pelo grupo de produtores do projeto “Semear

Penafiel”. Esta proximidade entre o produtor e consumidor é de grande importância e segundo Morgado (2013) contribui para garantir a qualidade dos produtos, a redução dos impactos ambientais com a diminuição de transportes, a importância das vendas diretas para a economia local, permitindo a sobrevivência das pequenas explorações familiares. A baixa familiarização dos consumidores com os produtos biológicos, leva-os muitas vezes a confundir produtos biológicos com produtos “caseiros”.

No que respeita à caracterização dos consumidores biológicos do concelho de Penafiel, foi registada e analisada uma amostra de 17 consumidores de um total de 41.

Verificou-se que mais de metade da amostra pertencia ao sexo masculino, pertencendo predominantemente à faixa etária dos 20 aos 34 anos. Quanto ao agregado familiar não apresentavam um padrão muito definido, sendo sobretudo casais com filhos, moradores individuais ou a morar com irmãos/irmãs e constituídos essencialmente por 1, 3 e 4 elementos. Relativamente às habilitações académicas, praticamente dividem-se entre os detentores de uma licenciatura e os detentores do ensino básico. Mais de 1/3 trabalham por conta de outrem.

O hábito de consumo de produtos biológicos é recente para a maioria dos consumidores inquiridos, que iniciaram o consumo de produtos biológicos há menos de 5 anos. As hortícolas e as frutas estão no topo dos produtos biológicos mais consumidos por parte dos inquiridos. A frequência de compra é realizada na maioria semanalmente ou mensalmente, em Penafiel. Apesar das dificuldades já apresentadas na comercialização por parte do grupo de produtores, os locais de compra mais referenciados por parte dos consumidores de Penafiel foram os mercados locais e diretamente no produtor.

Do orçamento disponível para alimentação, grande parte dos consumidores disponibilizam menos de 1/4 para a compra de produtos biológicos. Como motivos de consumo, os consumidores consideram estes produtos mais saudáveis, mais respeitadores do ambiente, importantes para a proteção das gerações futuras e mais saborosos. A dificuldade de encontrar uma maior variedade de produtos, a falta de conhecimento da população, a pouca procura, a falta de divulgação e o custo dos alimentos, foram apontados como os principais fatores limitadores do desenvolvimento da agricultura biológica no concelho de Penafiel.

Para os consumidores inquiridos, os principais responsáveis pela promoção da agricultura biológica são o Ministério da Agricultura, os produtores, as associações do sector e a sociedade. Quando colocada a questão “Quais as iniciativas que considera importantes para

que haja desenvolvimento da agricultura biológica em Penafiel?” foram obtidas diferentes respostas e diferentes perspetivas sobre este assunto do desenvolvimento da agricultura biológica. A divulgação é a iniciativa que os inquiridos apontam como a mais importante. Estes propõem que sejam criadas iniciativas de sensibilização em centros educativos, que a autarquia e produtores apostem mais na divulgação destes produtos, e que a informação sobre os produtos biológicos possa chegar a todos. O cooperativismo/agrupamento de produtores foi também referido como um aspeto importante para o desenvolvimento da agricultura biológica em Penafiel, pois desta forma será possível que os produtores melhorem e aumentem a oferta de produtos, uma vez que estamos a falar de pequenos produtores com pequenas produções. Consequentemente o problema do escoamento, poderia ser resolvido mais facilmente.

A formação dos produtores em agricultura biológica foi outra iniciativa considerada importante. Foi sugerida uma maior aposta na formação tanto para produtores já estabelecidos, como para potenciais futuros produtores. A constituição de uma associação para acompanhamento técnico e para realização de ações de formação foi também referida. Ao nível da comercialização foi referenciada a criação de uma plataforma online onde fosse possível fazer encomendas de produtos frescos que seriam posteriormente entregues ao domicílio.

A aposta da Câmara Municipal de Penafiel em apoiar a Agricultura Biológica, tem-se mostrado acertada. O número de produtores já é significativo e, apesar da conjuntura económica atual ser desfavorável ao comércio, os consumidores penafidelenses mostram-se sensíveis às questões relacionadas com a saúde e ambiente, comprando os seus produtos biológicos preferencialmente em mercados locais e diretamente aos produtores de Penafiel. Contudo os agricultores apresentam algumas dificuldades nomeadamente ao nível da organização/planeamento de produções e da conservação. O desenvolvimento de mercados de proximidade no concelho são um excelente meio de combate às dificuldades apresentadas uma vez que estes mercados, segundo Saldanha (2013), facilitam a venda/escoamento de produtos frescos, facilita a venda aos pequenos produtores que não têm outros canais de distribuição alternativos, aumenta a liquidez dos produtores, promove a circulação do dinheiro na comunidade, promove o comércio local circundante ao mercado pelo aumento de tráfegos populacional e contribui para o fortalecimento dos laços na comunidade, pois está provado que num mercado de proximidade as pessoas interagem

dez vezes mais que num supermercado. A estratégia de desenvolvimento pretendida pela Câmara Municipal de Penafiel passa por, alargar o leque de instituições e de agricultores aderentes à rede, o aumentar o Banco Municipal de Terras, desenvolver a secção de agricultura biológica da Cooperativa Agrícola de Penafiel e criação do núcleo PROVE BIO, instalar uma linha de lavagem, embalamento e etiquetagem de produtos, criar uma cozinha industrial para transformação de produtos, franchisar a marca “Da Nossa Terra” – abertura de lojas “Da Nossa Terra”, entrar nas grandes cadeias de distribuição e apostar na compostagem utilizando os resíduos dos hortofrutícolas produzidos pelas instituições.

Face ao exposto conclui-se que existe a necessidade de construir com os agricultores novas estratégias que permitam superar as dificuldades da comercialização de uma forma original e inovadora, dando-lhes a possibilidade de encontrarem novas formas de mobilização e valorização dos seus recursos, e novas vias de revitalização social e económica. Segundo Saldanha (2013), os mercados de proximidade devem ter como objetivo permitir o surgimento de outras alternativas, mais abrangentes, de ligação entre a produção e o consumo, que sejam mais que um mero local de compra e venda de produtos agrícolas, mas também como um acontecimento social, lúdico e informativo/formativo. O futuro dos pequenos produtores apresenta um conjunto de possibilidades extremamente promissoras, passando pelo aproveitamento de oportunidades de negócio que conjuguem o interesse das populações urbanas e rurais através da multifuncionalidade da agricultura – produção, comercialização, turismo, lazer, paisagem, gestão de recursos, entre outros. Propõem-se algumas iniciativas de intervenção que visam melhorar a promoção e implementação de novas formas de comercialização de circuito curto, entre os produtores biológicos e os consumidores, de modo a resolver os problemas de comercialização dos produtos locais e melhorar as relações de proximidade entre quem produz e quem consome:

- Aumentar as iniciativas de contacto entre produtores e consumidores
- Aumentar as iniciativas de promoção dos produtos biológicos e dos seus benefícios
- Melhorar acompanhamento técnico para garantir a segurança alimentar e a máxima qualidade dos produtos
- Criação de uma plataforma online para encomendas de produtos
- Promover a compra de produtos mais sustentáveis e de melhor qualidade junto dos consumidores do concelho

- Ligar os produtos locais/regionais à gastronomia (Ex: divulgar e ensinar junto de escolas de hotelaria, promover estes produtos junto dos agentes da restauração, etc.)
- Fazer campanhas de Educação Alimentar junto dos pais, crianças e comunidade escolar (sobre as vantagens de "Comer Local")
- Criar infraestruturas tendo em vista a conservação e o escoamento de produtos provenientes do grupo de produtores (Ex: pequenas câmaras frigoríficas para conservar e armazenar produtos frescos e pequenas unidades de transformação)
- Promover novas atividades e valorizar as já existentes.

## Referências Bibliográficas

- Barrote, I., 2008. Divisão de Produção Agrícola. Agricultura Biológica. Caracterização da Produção na Região. Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte. URL: [http://www.drapn.min-agricultura.pt/drapn/conteudos/ensaios/ANO2\\_primavera.pdf](http://www.drapn.min-agricultura.pt/drapn/conteudos/ensaios/ANO2_primavera.pdf). Consultado em Junho de 2013.
- Bio-Azórica, 2013. Bio-Azórica: Uma Cooperativa ao Serviço do Homem e da Natureza. O Segredo da Terra, Revista de Agricultura Biológica, nº 37, 18.
- Buton, S., 2013. A Primeira Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade. O Segredo da Terra, Revista de Agricultura Biológica, nº 37, Outubro de 2013. 10-11.
- CMP, (2009). Plano Estratégico de Mobilidade da Cidade de Penafiel 2009 – 2020. Câmara Municipal de Penafiel. URL: <http://www.cm-penafiel.pt/NR/rdonlyres/1FAD82E8-0B10-4BBD-A944-719FAAC3E7C6/33013/RelatrioPEMP.pdf>. Consultado em Agosto de 2013.
- CMP, 2010. Regulamento Respeitante ao Projeto “Semear Penafiel”. Município de Penafiel. Pelouro do Desenvolvimento Rural. 12 pp.
- Comissão Europeia, 2004. European Action Plan for Organic Food and Farming. Commission Staff Working Document Annex to the Communication from the Commission {COM(2004)415 final}. URL: [http://ec.europa.eu/agriculture/organic/eu-policy/action-plan\\_en](http://ec.europa.eu/agriculture/organic/eu-policy/action-plan_en). Consultado em Julho de 2013.
- Comissão Europeia, 2010. An analysis of the EU organic sector. Directorate General for Agriculture And Rural Development Report. URL: [http://ec.europa.eu/agriculture/markets-and-prices/more-reports/pdf/organic\\_2010\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/agriculture/markets-and-prices/more-reports/pdf/organic_2010_en.pdf). Consultado em Julho de 2013.
- Costa, R. e Cristóvão, A., 2004. Agricultura Biológica em Portugal. Nota sobre o estado atual e desafios do sector da distribuição. O Segredo da Terra, Revista de Agricultura Biológica, nº 8, Verão de 2004. 5-6.
- Crisostomo, C., 2011. Organic farming policy network in Portugal. Master of Science Thesis n. 637, Bari, CIHEAM/IAMB. 110 pp.
- Cristas, A., 2013. Importância dos Produtos Locais na Dinamização Económica e Social dos Territórios. Circuito Curtos Agroalimentares. Produzir e Consumir Localmente. In: EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 2-3.
- Cristóvão, A., Koehnen, T. e Strecht, A., 2001. Produção Agrícola Biológica (Orgânica) em Portugal: Evolução, Paradoxos e Desafios. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.2, nº4, Out./Dez. 2001. 37-47.
- Cristóvão, A., e Tibério, M. L., 2008. “Comprar Fresco, Comprar Local: será que temo algo a aprender com a experiencia americana?”. Colóquio Ibérico de Estudos Rurais. Cultura, Inovação e Território. Coimbra, Portugal. Outubro de 2008. 17 pp.

Cavaco, C., 2013. Venda à Restauração Coletiva. Da Nossa Terra. *In*: EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 41.

FCSH.UNL, 2013. Guia de Explorações de Agricultura Biológica. URL: <http://www.fcsch.unl.pt/gabi/Acores/Acores.html>. Consultado em Novembro de 2013.

Ferreira, J., 2012. As Bases da Agricultura Biológica. EDIBIO, Lisboa. 41-44.

Ferreira, J., Strecht, A., Ribeiro, J., Cotrim, A. Guilhermina, 2002. Manual de Agricultura Biológica Fertilização e Proteção das Plantas para uma Agricultura Sustentável, 3ª Edição. Lisboa, AGROBIO.

FiBL, 2013. URL: <http://www.fibl.org/en/themen/themen-statistiken.html#c7231>. Consultado em Novembro 2013.

FiBL & IFOAM (2013): The World of Organic Agriculture 2013. Frick and Bonn. 208-214.

Firmino, A. (2011). Inovação e fomento em explorações de agricultura biológica. Actas Portuguesas de Horticultura. 3º Colóquio Nacional de Horticultura Biológica. 159-163.

Fonseca, A., 2010. A Agricultura Biológica na Beira Interior – Cooperativa “BIOGUARDA”. Projeto Aplicado Do Mestrado em Gestão, Especialização em Administração Pública. Escola Superior de Tecnologia e Gestão. Instituto Politécnico da Guarda. 169 pp.

GPP., 2013. Gabinete de Planeamento e Políticas. URL: <http://www.gpp.pt/>. Consultado em Março de 2013.

Gomes, H., 2013. Circuitos Curtos Agroalimentares como Promotores da Produção Biológica e da Sustentabilidade Ambiental. *In* EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 11.

GPP, 2011. Gabinete de Planeamento e Políticas. URL: <http://www.gpp.pt/>. Consultado em Junho de 2013.

IFOAM, 2013. International Federation of Organic Agriculture Movements. URL: <http://www.ifoam.org/>. Consultado em Novembro de 2013.

IFOAM EU Group and FiBL: Organic Farming in Europe – A Brief Overview, May, 2011. URL: <http://www.fibl.org/fileadmin/documents/en/publications/fibl-2009-latest-figures.pdf>. Consultado em Outubro de 2013.

INTERBIO, 2011. Política Nacional para a Agricultura Biológica. 61 pp.

Lima, L., 2013. Estudo exploratório sobre o perfil do consumidor de alimentos de agricultura biológica. Tese de Mestrado em Agricultura Biológica, Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, 60 pp.

Lopes, R., 2013. Os Circuitos Curtos Agroalimentares nas Estratégias de Desenvolvimento Local Dinamizadas pelas ADL. Circuito Curtos Agroalimentares. Produzir e Consumir

Localmente. *In* EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 13-14.

MadeirAdapt, 2005. Projecto MadeirAdapt – Recolha e análise de informação sobre iniciativas existentes no âmbito da temática Agricultura Biológica. Fundo Social Europeu. Ministério das Atividades Económicas do Trabalho, 32 pp.

Maia, N. e Carneiro, M., (2011). A agricultura biológica e a segurança alimentar na produção primária. Atas Portuguesas de Horticultura. 3º Colóquio Nacional de Horticultura Biológica. 119-124.

Minetti, A. C., 2002. Marketing de alimentos ecológicos. Ediciones Pirámide. ESIC Editorial.

Morgado, J., 2013. Sensibilizar para os Circuitos Curtos Agroalimentares e para a Mudança de Padrões de Consumo. *In* EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, 2013, DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 12.

Mourão, I., 2007. Manual de Horticultura no Modo de Produção Biológico. O Modo de Produção Biológico. Escola Superior Agrária de Ponte de Lima/IPVC.

Mourão, I., Araújo, J. P., Brito, M., 2006. Manual de Agricultura Biológica – Terras de Bouro. Município de Teras de Bouro. Projeto-piloto para a conversão da agricultura tradicional em modo de produção biológico.

NATURALFA, 2011. URL: <http://www.naturalfa.pt>. Consultado em Novembro de 2013.

Rodrigues, M., 2011. A Produção Biológica na Região Autónoma da Madeira. Mestrado em Ciências do Consumo Alimentar. Universidade Aberta. Funchal, 2011. URL: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2066/1/Dissertacao\\_Miguel\\_Final.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2066/1/Dissertacao_Miguel_Final.pdf). Consultado em Outubro de 2013.

Saldanha, L., 2013. Mercados de Proximidade: uma alternativa para os pequenos produtores. *In* EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, 2013. DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 10-11.

Soeiro, T. (2013). Apresentação do concelho de Penafiel. URL: <http://www.cm-penafiel.pt>. Consultado em Novembro de 2013.

Streecht, A., Ferreira, J., Marques, J. e Sílvia, S., 2013. Editorial. O Segredo da Terra, Revista de Agricultura Biológica, nº 37, Outubro de 2013. 4.

Tibério, L., 2013. Sistemas Agroalimentares Locais e Comercialização de Circuitos Curtos de Proximidade. *In* EM REDE, Revista da Rede Rural Nacional, DGADR / Rede Rural Nacional, nº3, 6-9.

Vasconcelos, C., 2013. A Promoção dos Mercadinhos Bio na Madeira. O Segredo da Terra, Revista de Agricultura Biológica, nº 37, Outubro de 2013. 19-20.

Willer, H. e Lernoud, J., 2013. The World of Organic. Agriculture The Results of the Latest Survey on Organic Agriculture Worldwide. BioFach Congress 2013, Nürnberg,



Session «The World of OrganicAgriculture» 13.2.2013. URL:  
<http://orgprints.org/22324/1/willer-lernoud-2013-world-of-organic.pdf>. Consultado em  
Novembro de 2013.

## **ANEXOS**

## Caracterização do grupo de produtores biológicos de Penafiel

Este inquérito versa um conjunto de questões relativas à obtenção de informação em MPB. É de toda a conveniência que responda com o máximo de rigor e honestidade, pois só assim é possível apostar numa melhoria contínua dos serviços e apoios a prestar aos produtores biológicos dessa região.

Não há respostas certas ou erradas relativamente a qualquer dos itens, pretendendo-se apenas a sua opinião pessoal e sincera.

Este questionário é de natureza confidencial. Trata-se de um trabalho de investigação, cujo tratamento, é efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que significa que o seu anonimato é respeitado.

### 1. Idade

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ 18-45  
☐ 46-60  
☐ >60

### 2. É agricultor a tempo inteiro?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não

### 3. Se respondeu não, qual é a sua actividade principal?

\_\_\_\_\_

### 4. Que formação agrícola possui?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Curso de jovem agricultor  
☐ Doutoramento  
☐ Licenciatura  
☐ Mestrado  
☐ Curso profissional  
☐ Outra: \_\_\_\_\_

### 5. Possui formação específica em agricultura biológica?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não

6. Se sim, que curso frequentou?

\_\_\_\_\_

7. Onde frequentou esse curso?

\_\_\_\_\_

8. Que módulos foram leccionados no curso?

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Horticultura
- ☐ Fruticultura
- ☐ Fertilidade do solo e nutrição das culturas
- ☐ Pecuária biológica
- ☐ Saúde e bem-estar animal
- ☐ Plantas aromáticas
- ☐ Viticultura
- ☐ Proteção das culturas
- ☐ Marketing
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

9. Há quanto tempo tem certificação biológica?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ < 1 ano
- ☐ 1 a 5 anos
- ☐ 5 a 10 anos
- ☐ 10 a 20 anos
- ☐ > 20 anos
- ☐ Em conversão

10. Qual a área agrícola utilizável?

*Por favor, insira o número em hectares*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ <1
- ☐ 1-5
- ☐ 5-10
- ☐ 10-15
- ☐ 15-20
- ☐ >20

**11. Que tipo de bens produz?**

*Marcar tudo o que for aplicável.*

☐ Hortícolas

☐ Fruta

☐ Arvense

☐ Olival

☐ Vinha

☐ Pastagem

☐ Ovinos

☐ Caprinos

☐ Bovinos

☐ Aves

☐ Aromáticas

☐ Outra: \_\_\_\_\_

**12. Qual a área total da sua exploração?**

*Por favor, insira o número em hectares*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ <1

☐ 1-5

☐ 5-10

☐ 10-15

☐ 15-20

☐ >20

**13. Área produtiva (hectares)**

Por favor, escolha uma área para cada cultura

Marcar apenas uma oval por linha.

	0	< 1	1-5	5-10	10-15	15-20	>20
Cereais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Hortícolas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fruteiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vinhas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aromáticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Culturas forrageiras (incluindo pastagens anuais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pastagens permanentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Culturas oleaginosas e leguminosas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**14. Quantidades aproximadas produzidas em Kg/Ano**

Marcar apenas uma oval por linha.

	0	<100	100-500	500-5000	5000-10000	10000-50000	>50000
Horticultura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fruticultura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Arvense	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Olivicultura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vinha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pastagens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ovinos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bovinos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Caprinos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aves	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**15. Tem apoio técnico regular?**

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

**16. Com que frequência?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Menos de uma vez por ano
- ☐ Uma vez por ano
- ☐ Várias vezes por ano

**17. Como classifica o apoio técnico prestado?**

*Por favor, para cada item dê uma classificação*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Sem opinião	Muito baixo	Baixo	Neutro	Elevado	Muito elevado
Organização de produtores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Serviços oficiais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apoio técnico privado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Indústria	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**18. Como é que, pessoalmente, procura obter informações?**

*Pode escolher várias opções*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Visitas a explorações
- ☐ Encontros regulares
- ☐ Seminários
- ☐ Entidades de certificação
- ☐ Apoio técnico privado
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**19. Como é que, de um modo impessoal, procura obter informações?**

*Pode escolher várias opções*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Revistas técnicas
- ☐ Internet
- ☐ Jornais
- ☐ Livros
- ☐ Tv
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**20. Locais onde comercializa os produtos**

Pode escolher várias opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Directamente na exploração
- ☐ Mercados e feiras
- ☐ Lojas de produtos biológicos
- ☐ Hipermercados
- ☐ Exportação
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**21. Quem são os seus clientes?**

Pode escolher várias opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Privados
- ☐ Restauração
- ☐ Comerciantes
- ☐ Distribuidores
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**22. Tem problemas de escoamento de produção?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

**23. Se sim, que produtos tem mais dificuldades de escoamento?**

Pode escolher várias opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Hortícolas
- ☐ Fruta
- ☐ Arvenses
- ☐ Aromáticas
- ☐ Vinha
- ☐ Bovinos
- ☐ Ovinos
- ☐ Caprinos
- ☐ Aves
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_



**24. As dificuldades de escoamento devem-se à falta de:**

Pode escolher várias opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Armazenamento
- ☐ Conservação
- ☐ Embalagem/Rotulagem
- ☐ Distribuição
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**25. É sócio de alguma cooperativa?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

**26. Se não, consideraria associar-se a outros produtores?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

**27. Que tipo de serviço gostava de ver prestado?**

Pode escolher várias opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Divulgação
- ☐ Armazenamento/Acondicionamento
- ☐ Distribuição
- ☐ Comercialização
- ☐ Escoamento
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**28. Que outro tipo de serviço gostaria de obter?**

Pode escolher várias opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Informação
- ☐ Legislação
- ☐ Formação
- ☐ Publicidade
- ☐ Promoção
- ☐ Divulgação
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**29. Encontra vantagens no associativismo?**

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Sim

☐ Não

Com tecnologia

**Google** Drive

## Inquérito aos consumidores de Penafiel

Este inquérito destina-se exclusivamente a residente de Penafiel. O seu preenchimento demora, aproximadamente, 10 minutos. O principal objetivo do mesmo é investigar o processo de consumo de agricultura biológica em Penafiel, comparando-o com o de agricultura convencional. A informação é confidencial e tratada como tal. Obrigado pela colaboração.

**\*Obrigatório**

### 1. Reside em Penafiel? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim  
☐ Não *Pare de preencher este formulário.*

## Inquérito aos consumidores de Penafiel

*Passe para a pergunta 10.*

### 2. Sexo?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Feminino  
☐ Masculino

### 3. Idade?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Até 20 anos  
☐ 20 a 34 anos  
☐ 35 a 49 anos  
☐ 50 a 64 anos  
☐ 65 ou mais

### 4. Como é constituído o seu agregado familiar?

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sozinho  
☐ Com irmãos/irmãs  
☐ Sem laço conjugal  
☐ Casal sem filhos  
☐ Casal com filhos  
☐ Viúvo/a com filhos  
☐ Viúvo/a sem filhos  
☐ Outra: \_\_\_\_\_

**5. Número de elementos do agregado familiar?**

Quantas pessoas moram em sua casa

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1 pessoa
- ☐ 2 pessoas
- ☐ 3 pessoas
- ☐ 4 pessoas
- ☐ 5 pessoas
- ☐ 6 pessoas
- ☐ > 6 pessoas

**6. Habilitações literárias?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Curso Profissional
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-Graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

**7. Atualmente, qual é a sua situação profissional?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Estudante
- ☐ Trabalhador por conta própria
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Reformado/aposentado
- ☐ Trabalhador não-remunerado em contexto familiar
- ☐ Desempregado(a)

**8. A que vínculo laboral está sujeito?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Contrato a prazo
- ☐ Contrato efetivo
- ☐ Sem contrato de trabalho escrito
- ☐ Recibos verdes
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**9. Qual a sua principal fonte de rendimentos?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Emprego/salário
- ☐ Rendimentos próprios (rendas, dividendos, juros)
- ☐ Reforma
- ☐ Subsídio de desemprego
- ☐ Pensão de invalidez ou sobrevivência
- ☐ Subsídio de doença durável ou subsídio por viuvez
- ☐ Rendimento mínimo garantido
- ☐ Ajuda de familiares/amigos
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**Inquérito aos consumidores de Penafiel**

**10. É consumidor de produtos biológicos?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim      *Após a última pergunta desta secção, passe para a pergunta 13.*
- ☐ Não      *Após a última pergunta desta secção, passe para a pergunta 12.*

**11. Tem conhecimento que existe em Penafiel um grupo de agricultores que produzem e comercializam produtos biológicos?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

**Inquérito aos consumidores de Penafiel**

**12. Motivos pelos quais não consome alimentos biológicos?**

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Preço dos alimentos
- ☐ Desconheço a existência destes alimentos
- ☐ Não acredito neste alimentos
- ☐ Dificuldade de encontrar estes alimentos
- ☐ Pouca opção de escolha
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

**Inquérito aos consumidores de Penafiel**

*Pare de preencher este formulário.*

**13. Os seus motivos para consumir alimentos provenientes da Agricultura Biológica são:**

Escolha a importância para si de cada motivo

Marcar apenas uma oval por linha.

	Indiferente	Importante	Muito Importante
Alimentos mais saudáveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Melhor sabor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Melhor aparência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A agricultura biológica não agride o ambiente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Duram mais tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Protegem futuras gerações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prevenir a erosão dos solos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**14. Qual a sua opinião sobre:**

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo
Os alimentos biológicos também são contaminados por pesticidas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os alimentos biológicos são mais saudáveis do que os convencionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O modo de produção biológica tem preocupação com o bem-estar animal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A agricultura biológica não é poluente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os alimentos biológicos são ao mesmo preço que os da agricultura convencional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A maioria dos alimentos biológicos comercializados em Portugal são de origem nacional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os alimentos biológicos têm um paladar mais intenso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**15. Há quanto tempo consome produtos biológicos?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ <1 ano
- ☐ 1-5 anos
- ☐ 6-10 anos
- ☐ >10 anos

**16. Da seguinte lista identifique os produtos que consome de Agricultura Biológica e os de Agricultura Convencional**

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Agricultura Biológica	Agricultura Convencional
Leite e laticínios	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Carnes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Derivados de carne	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Hortícolas e leguminosas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Frutas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sumos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cereais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Massas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Molhos, especiarias e sal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Café	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compotas e marmeladas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cogumelos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Óleos e azeite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ovos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alimentos congelados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**17. Com que frequência adquire produtos biológicos?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Diariamente
- ☐ Semanalmente
- ☐ Mensalmente
- ☐ Mais esporadicamente

**18. Do orçamento disponível para a alimentação qual o valor atribuído a alimentos de proveniência biológica?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Todo
- ☐ 2/3
- ☐ 1/2
- ☐ 1/3
- ☐ 1/4
- ☐ Menos de 1/4

**19. Onde compra os alimentos biológicos, predominantemente?**

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Hipermercados
- ☐ Diretamente ao produtor
- ☐ Supermercado
- ☐ Lojas especializadas
- ☐ Mercados locais
- ☐ Cabaz por entrega ao domicílio
- ☐ Feiras

**20. Costuma comprar os produtos biológicos em Penafiel?**

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não



**21. Obstáculos e constrangimentos ao desenvolvimento da Agricultura Biológica em Penafiel?**

Marcar apenas uma oval por linha.

	Sim	Não
Falta de conhecimento da população	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Custo dos alimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de qualidade dos alimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agricultores sem conhecimento técnico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Falta de divulgação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dificuldade de encontrar uma maior variedade de alimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pouca procura por parte dos consumidores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**22. A quem cabe uma maior responsabilidade pela promoção dos alimentos biológicos?**

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ União Europeia
- ☐ Ministério da Agricultura
- ☐ Autarquias
- ☐ Grandes superfícies
- ☐ Associações do setor
- ☐ Sociedade
- ☐ Produtores

**23. Quais as iniciativas que considera importantes para que haja desenvolvimento da Agricultura Biológica em Penafiel?**

Apresente algumas ideias.

---

---

---

---

---